



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL
MESTRADO PROFISSIONAL EM SUSTENTABILIDADE JUNTO A POVOS E TERRAS
TRADICIONAIS

Flavio Pereira Ferraz

Marĩ mahsĩa, Marĩ da'raá, Marĩ dua'a (Nosso conhecimento, Nosso trabalho, Nossa venda):
atividades econômicas dos grupos indígenas na zona urbana de São Gabriel da Cachoeira –
AM.

Agosto de 2018
São Gabriel da Cachoeira – AM

Flavio Pereira Ferraz

Marĩ mahsĩa, Marĩ da'raá, Marĩ dua'a (Nosso conhecimento, Nosso trabalho, Nossa venda):
atividades econômicas dos grupos indígenas na zona urbana de São Gabriel da Cachoeira –
AM.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
Profissional em Desenvolvimento Sustentável da
Universidade de Brasília (UnB). Área de Concentração
em Sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais
– MESPT.

Orientadora: Prof.^a D^{ra}. Mônica Celeida Rabelo Nogueira
Co-orientadora: Prof.^a D^{ra}. Carolina Lopes Araújo

Agosto de 2018
São Gabriel da Cachoeira – AM

DEDICATÓRIA

Dedico o fruto deste trabalho a todas as pessoas que me acompanharam nesta caminhada e em especial:

À minha esposa, Eliane de Souza Ferreira, que mesmo com problemas de saúde nunca deixou de me apoiar e incentivar a frequentar essa Grande Aldeia do Conhecimento, chamada Universidade. Aos meus filhos Jonh Gregory e Flavio Gabriel por estarem sempre ao meu lado nesta caminhada, que me deram alegria por entenderem as viagens que tinha que fazer para participar do curso, trazendo para mim mais confiança na caminhada. A vocês meu eterno amor e minha sincera gratidão.

Aos meus pais, Bibiano Ferraz e Marta Pereira, um Kotiria e uma Tariana que sempre mantiveram as suas tradições, mesmo na cidade, principalmente a produção na roça. Vocês são meus maiores exemplos de vida e sabedoria e que apesar de todas as dificuldades, com o jeito indígena de ser, sempre valorizaram e incentivaram os seus filhos pela busca do conhecimento.

A todos os demais familiares que me ajudaram, direta ou indiretamente, nesta caminhada, minhas irmãs Gaby, Márcia e Cláudia, meu sogro Gregório, meus cunhados e cunhadas e, em memória, de Dona Pierina minha eterna sogra.

A toda comunidade educativa da Escola Municipal Indígena Dom Miguel Alagña, à direção da escola, à equipe pedagógica, aos professores e professoras e a todos os pais e mães dos estudantes da referida escola.

AGRADECIMENTOS

Ao nosso grande *pëhtóro* (líder), Deus criador da vida, pelas bênçãos alcançadas em todos os momentos da minha vida e também ao nosso *mõpühtiroyaro* (criador/líder dos kotiria) que nos colocou em uma região muito linda e perigosa, cheia de corredeiras e cachoeiras o Alto Rio Waupés.

Aos professores Abraão e Rogério da APIARNE (Associação dos Professores Indígenas do Alto Rio Negro) e também ao professor Gilson da APMC/EMIDMA (Associação de Pais, Mestres e Comunitários/Escola Municipal Indígena Dom Miguel Alagña) que não mediram esforços em emitir os documentos necessários para eu poder participar do processo de seleção do MESPT e, assim, demonstraram acreditar na importância da pesquisa para a sustentabilidade dos parentes na zona urbana de São Gabriel da Cachoeira – AM.

Aos *yalãna bueinã* (professores não indígenas/doutores) Cristiane Portela, Sílvia Guimarães, Ana Suelly Arruda Câmara Cabral e *yë koero* (meu parente) Francisco Apurinã, que foram os primeiros a acreditarem na relevância do meu trabalho e que, no encontro presencial, me deram muito apoio no prosseguimento do trabalho.

À professora Dra. Carolina Lopes Araújo, que me guiou desde o início da orientação e que infelizmente teve que se afastar para a realização do seu projeto pessoal e profissional, muito obrigado por tudo que aprendi com você. À professora Dra. Mônica Celeida Rabelo Nogueira, obrigado por ter me aceitado como orientando, no final do processo, e pela confiança neste trabalho. Obrigado, às duas professoras, pelo companheirismo, pela amizade, pela paciência e apoio dispensados em todos os momentos.

À equipe de docentes do Programa de Pós-Graduação Profissional em Desenvolvimento Sustentável, área de concentração em Sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais, conhecido carinhosamente por MESPT. Muito obrigado por acreditarem na educação intercultural como uma força transformadora, ousar aceitar e trazer o dito diferente para dentro da universidade. Vocês tiveram uma participação muito importante na minha formação e contribuíram com o enriquecimento epistemológico de minha identidade cultural, muito obrigado.

A toda equipe da coordenação do curso, professora Dra. Mônica Nogueira, Ana Tereza, Carolina Lopes e o professor Dr. Sérgio Sauer pela dedicação especial, companheirismo e competência à frente da coordenação pedagógica do curso.

Aos funcionários da Secretaria do CDS (Centro de Desenvolvimento Sustentável), pelo atendimento no suporte de nossas necessidades acadêmicas, principalmente a nossa querida estagiária Antônia Roberto Sousa.

A FUP (Faculdade de Planaltina) por nos acolher e alojar em seu espaço físico em alguns momentos dos nossos encontros presenciais.

A todos(as) os(as) colegas e amigos(as) do MESPT 3, com quem convivi durante as idas e vindas dos nossos encontros presenciais, com vocês partilhei e compartilhei momentos especiais da minha vida, trocas de conhecimentos que nunca esquecerei. Aprendi muito com vocês meus queridos koeya (parentes), obrigado geraizeiro, quebradeira de coco, retireira, assentada, extrativista, ribeirinha, os quilombolas, apurinã, piratapuya, guarani kaywoa, tupiniquim, xakriabá e demais grupos tradicionais que conheci no território diverso chamado Universidade de Brasília. NOAHÃ YË KOEYA!! (MUITO OBRIGADO MEUS PARENTES!!)

Ser índio: não o é quem quer. Nem quem simplesmente o diz. Pois só é índio quem se garante.
Viveiros de Castro

RESUMO

A pesquisa analisou os grupos indígenas no contexto urbano de São Gabriel da Cachoeira (AM) e suas atividades econômicas. Por isso traçou-se o objetivo geral com a finalidade de analisar as práticas ocupacionais, produtivas e comerciais dos indígenas urbanos de São Gabriel da Cachoeira (AM), observando as continuidades e transformações dessas práticas em relação aos sistemas produtivos tradicionais característicos das Terras Indígenas da região. Para complementar a pesquisa fez-se o uso dos seguintes objetivos específicos: mapear os grupos indígenas residentes na cidade e sua distribuição geográfica na zona urbana; identificar as principais atividades ocupacionais, produtivas e comerciais realizadas pelos indígenas urbanos de São Gabriel da Cachoeira (AM) e identificar iniciativas de auto-organização dos indígenas urbanos de São Gabriel da Cachoeira (AM). Para a obtenção dos dados e fundamentar a pesquisa fez-se o uso de livros e artigos sobre o tema pesquisado, a amostra da pesquisa foram os pais ou responsáveis de uma escola municipal indígena localizada na zona urbana com quem foi aplicado um questionário com a finalidade de análise destes dados relativos a grupos indígenas, suas respectivas atividades ocupacionais, produtivas e comerciais. Identificando assim as iniciativas de auto-organização e os efeitos dessa auto-organização de inserção econômica como forma de manter a rede de relações sociais entre *parentes* indígenas na zona urbana de São Gabriel da Cachoeira. Então a pesquisa teve características de uma pesquisa exploratória e descritiva, pois a partir do levantamento bibliográfico e documental, os dados foram organizados e analisados para fundamentar a pesquisa fazendo uso da estatística descritiva para analisar os dados coletados junto às famílias dos estudantes da Escola Municipal Indígena Dom Miguel Alagña. Com a abordagem quantitativa e qualitativa desta pesquisa ofereceram-se elementos que contribuíram para que se conheça e reconheça (dar visibilidade) os grupos indígenas residentes em São Gabriel da Cachoeira, sua organização socioeconômica e adaptação na zona urbana. Portanto, a pesquisa contribuiu bastante para o início de uma discussão sobre os indígenas no contexto urbano de São Gabriel da Cachoeira. Praticamente todas as etnias que vivem e convivem neste ambiente urbano, principalmente nos bairros recentes, ainda mantêm contato com sua comunidade de origem. Conseguem mesclar a vivência tradicional com o modo de vida na cidade.

Palavras-chave: Indígenas na cidade. Economia indígena. Associativismo indígena. São Gabriel da Cachoeira. Amazônia.

ABSTRACT

The research analyzed the indigenous groups in the urban context of São Gabriel da Cachoeira (AM) and their economic activities. Therefore, the general objective was designed to analyze the occupational, productive and commercial practices of the urban Indians of São Gabriel da Cachoeira (AM), observing the continuities and transformations of these practices in relation to the traditional productive systems characteristic of the regional Indigenous Lands. To complement the research, the following specific objectives were used: map the indigenous groups living in the city and their geographic distribution in the urban zone; to identify the main occupational, productive and commercial activities carried out by the urban Indians of São Gabriel da Cachoeira (AM) and to identify initiatives of self-organization of the urban Indians of São Gabriel da Cachoeira (AM). To obtain the data and to base the research was made use of books and articles on the researched topic, the research sample were the parents or guardians of an indigenous municipal school located in the urban zone with whom a questionnaire was applied for the purpose analysis of these data on indigenous groups, their respective occupational, productive and commercial activities. Thus identifying self-organizing initiatives and the effects of this self-organization of economic insertion as a way to maintain the network of social relations between of indigenous relatives in the urban area of São Gabriel da Cachoeira. So the research had characteristics of an exploratory and descriptive research, because from the bibliographical and documentary survey, the data were organized and analyzed to base the research using descriptive statistics to analyze the data collected with the families of the students of the Municipal School Indígena Bishop Miguel Alagña. With the quantitative and qualitative approach of this research, elements that contributed to the recognition and recognition of the indigenous groups living in São Gabriel da Cachoeira, their socioeconomic organization and adaptation in the urban area were presented. Therefore, the research contributed a lot to the beginning of the discussion about the indigenous relatives in the urban context of São Gabriel da Cachoeira. Practically all ethnic groups live and live together in this urban environment, especially in recent neighborhoods, still maintain contact with their community of origin. They are able to blend traditional living with the way of life in the city.

Keywords: Indigenous people in the city. Indigenous economy. Indigenous association. São Gabriel da Cachoeira. Amazônia.

DURUHKUA MI'ONO¹

Õ behsewe bu'e ñekiono ñere bu'isamahsa kuruli São Gabriel da Cachoeira (AM) hiina ti dará wi'bo khuaale. ã yoro hoanore phiri mahkã hiina ti õse yoa da'raika ni naakha'machu wi'bo duaa w'e se khahali õ São Gabriel da Cachoeirare ni ñenore, ñenene ti da'raatiro seta hi da'rahari o sorose kho'torokese da'ra wã'kãhali minore. ã yoa behsewe bu'enamo noano ñe khamachuto noano õse oya da'raitha niare paye bu'i khunamonore: phiti khiõ no'õpe kuruli phiri mahkãre hihari no'õi tina hihari mahkãre ni ñetire; diba'rore tina phototi da'raatihari, naakha'machu wi'bo duaahari tina mahkã São Gabriel da Cachoeirai hina ã hichu tina kenomene khamachurokese kha'ma wahapayo hiatihari õ São Gabriel da Cachoeirare. Noano ñediokũ bu'eitha nikhe behsewenore bu'eathuripe ã hichu hiphi'ti duhtiare hoarithupe tire mahsiduanamokhe, ti behesewe bu'e ñotire sinitunore phokese ma ã hichu tinare ñewi'boina bu'eriwu município mahkari w'e'ei da'rainare ti no'pe kuruli mahsa hirore, ti da'raatiare, naakha'machu ti duaare. kha'machurokese ti kha'ma wahapayoro ñe ã yoa ti kha'ma wahapayoro do'se tinare ti da'raatia yoadohari ni ñe paye kururi mahkaina me'ne do'se hiatiare o hiphitiro ti koya São Gabriel mahkaina me'ne noano hihali nia. ãyo behsewe bu'ero sinituñe hoanoriro hira, mahsã kururi hiatiare hoarithupe ã hichu duhtiare hoarithupe ñe hoanori hira, hiphi'tiro hiatia bu'eina phokese ma Bu'eriwu Dom Miguel Alagna mahkaina me'ne ñekiõ hoari hira. Ali behsewe bu'e hoali no'õpuru hia ã hichu do'se noano hiatiale yababarole yoadoali o noano wa'achu yoaali ni ñe the'oturahpo ti mahsã kuruli São Gabriel da Cachoeirai hina ti yoaatia hira, kha'machurokese ti kha'ma yoado da'ra mahkã himahsirokese ti hiro hira. ãyoro), behsewe bu'ero doipeta phiro yoadore mahsã kuruli phiri mahkai ti hiatiale. Hiphi'tia kuruli mahkã wi'i hiina, wã'ma phalã mahkalã khanepka wi'iina, ti tali mahkãlipu theotu hisiniina hika. Phiri mahkã to hiatiale kenopha ti hiatia khele kha hiatia hira tina.

Phototi duruhkuro: mahsã kuruli phiri mahkã hiro. Mahsã kuruli da'ra kha'machu wi'bo khaa. Mahsã kuruli kha'machu da'ra hiatia. São Gabriel da Cachoeira. Amazônia.

¹ Tradução do Resumo para a língua Kotiria, feita pelo Professor Miguel Cabral, professor da Escola Municipal Indígena Dom Miguel Alagã.

LISTA DE ABREVIATURAS

AM - Amazonas

APIARNE - Associação dos Professores Indígenas do Alto Rio Negro

APMC/EMIDMA - Associação de Pais, Mestres e Comunitários/Escola Municipal Indígena Dom Miguel Alagã

1º BEC - Primeiro Batalhão de Engenharia e Construção

CDS - Centro de Desenvolvimento Sustentável

EIT - Empresa Industrial Técnica

FOIRN - Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro

FUNAI - Fundação Nacional do Índio

FUP - Faculdade de Planaltina

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFAM - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas

ISA - Instituto Socioambiental

MESPT - Mestrado Profissional em Sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais

PDPI - Projeto Demonstrativo de Povos Indígenas

PROEJA - Programa Nacional de Integração da Educação Profissional Integrada a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos

PROIND - Programa de Licenciatura Intercultural Indígena

SEDUC – Secretaria Estadual de Educação e Qualidade de Ensino/Amazonas

SGC - São Gabriel da Cachoeira

TIs - Terras Indígenas

UEA - Universidade do Estado do Amazonas

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - População Total, Rural/Urba e População Total Indígena, Rural/Urba

TABELA 2 - Etnias na cidade de São Gabriel da Cachoeira

TABELA 3 - Quantidade de questionários distribuídos

TABELA 4 - Relação das Etnias por Bairros da cidade de São Gabriel da Cachoeira – AM

TABELA 5 - Associações citadas a partir da pergunta 12 do questionário de pesquisa

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Dados da pergunta 2 do questionário da pesquisa

QUADRO 2: Complemento da pergunta 5 do questionário de pesquisa

QUADRO 3: Dados da pergunta 6 do questionário de pesquisa

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Saída da comunidade para a cidade de São Gabriel da Cachoeira

FIGURA 2 - Professores e estudantes da Escola Municipal Indígena Dom Miguel Alagña

FIGURA 3 - O município de São Gabriel da Cachoeira

FIGURA 4 - Vista aérea da Cidade de São Gabriel da Cachoeira

FIGURA 5 - Identidades étnicas na zona urbana de São Gabriel da Cachoeira-1984

FIGURA 6 - Expansão territorial da zona urbana de São Gabriel da Cachoeira

FIGURA 7 - Planos de Gestão Territorial e Ambiental das Terras Indígenas do Alto e Médio Rio Negro

FIGURA 8 - Zona urbana de São Gabriel da Cachoeira

FIGURA 9 - Localização geográfica dos parentes indígenas

FIGURA 10 - Bairros da cidade de São Gabriel da Cachoeira

FIGURA 11 - Limite da zona urbana de São Gabriel da Cachoeira

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - População Indígena e Não Indígena de São Gabriel da Cachoeira

GRÁFICO 2 - População Indígena Urbana e Rural de São Gabriel da Cachoeira

GRÁFICO 3 - Pergunta 4 do questionário de pesquisa

GRÁFICO 4 - Pergunta 5 do questionário de pesquisa

GRÁFICO 5 - Dados refeitos da pergunta 5 do questionário de pesquisa

GRÁFICO 6 - Dados da pergunta 9 do questionário de pesquisa

GRÁFICO 7 - Pergunta 8 do questionário de pesquisa

GRÁFICO 8 - Complemento da pergunta 8 do questionário de pesquisa

GRÁFICO 9 - Pergunta 6 do questionário de pesquisa

GRÁFICO 10 - Pergunta 10 do questionário de pesquisa

GRÁFICO 11 - Dados da pergunta 11 do questionário da pesquisa

GRÁFICO 12 - Dados da pergunta 12 do questionário de pesquisa

GRÁFICO 13 - Dados da pergunta 13 do questionário da pesquisa

GRÁFICO 14 - Dados da pergunta 1 do questionário da pesquisa

GRÁFICO 15 - Dados da pergunta 3 do questionário de pesquisa

GRÁFICO 16 - Dados da pergunta 4 do questionário de pesquisa

GRÁFICO 17 - Complemento da pergunta 2 do questionário de pesquisa

GRÁFICO 18 - Dados da pergunta 5 do questionário de pesquisa

GRÁFICO 19 - Dados da pergunta 6 do questionário de pesquisa

GRÁFICO 20 - Dados da pergunta 7 do questionário de pesquisa

GRÁFICO 21 - Dados da pergunta 9 do questionário de pesquisa

GRÁFICO 22 - Dados da pergunta 10 do questionário de pesquisa

GRÁFICO 23 - Dados da pergunta 8 do questionário de pesquisa

GRÁFICO 24 - Dados da pergunta 11 do questionário de pesquisa

SUMÁRIO

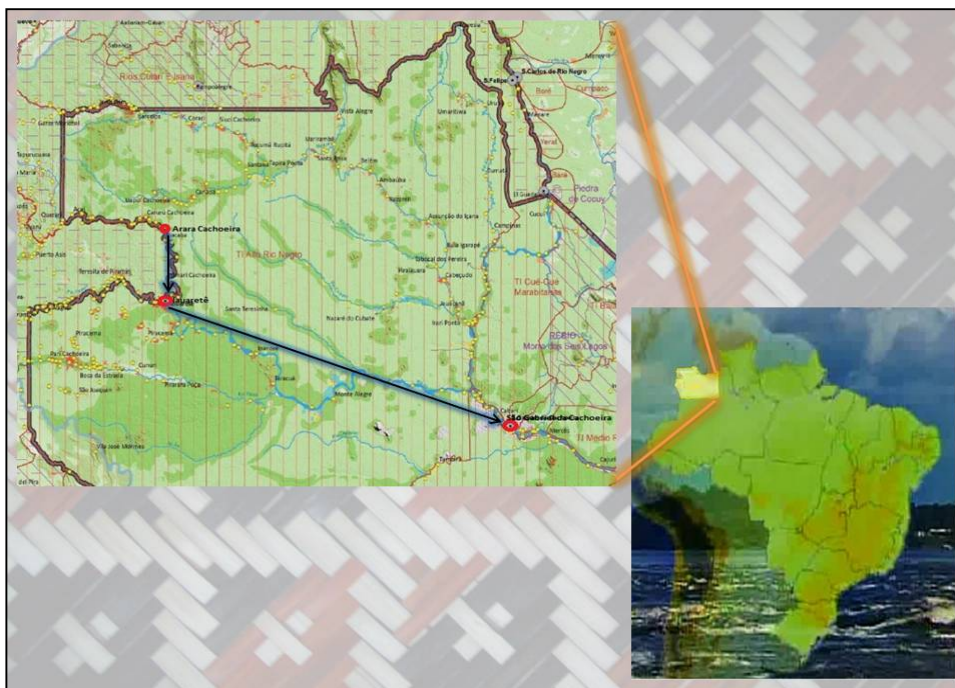
APRESENTAÇÃO DO AUTOR / Y'Ë KOTIRIA KIRO HIHA (EU SOU DO POVO WANANO).....	15
INTRODUÇÃO.....	20
CAPÍTULO 1 – MARĭ YA WE'Ë, MARĭ YA MAHSĭA (NOSSA CASA, NOSSA HISTÓRIA).....	25
1.1 Contextualização da região Di'ero Dahpó / “Cabeça do Cachorro”.....	25
1.2 Processo histórico da cidade de São Gabriel da Cachoeira.....	29
CAPÍTULO 2 – MARĭ YA DÍ'TÁ, MARĭ YA MAHKÃ (NOSSA TERRA, NOSSA CIDADE).....	39
2.1 As demarcações e os projetos em Terras Indígenas.....	39
2.2 A zona urbana de São Gabriel da Cachoeira.....	41
CAPÍTULO 3 – YALANÃ BUE'Á (ESTUDO DOS NÃO INDÍGENAS) FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	45
3.1 Grupos Indígenas no espaço urbano da cidade.....	45
3.2 Atividades econômicas de grupos indígenas no contexto urbano.....	48
CAPÍTULO 4 – MA'Ã WALI MAÃ (CAMINHO SEGUIDO).....	51
4.1 Metodologia.....	51
4.1.1 A Escola Municipal Indígena Dom Miguel Alagña.....	53
4.2 Potencial dos Resultados.....	54
CAPÍTULO 5 – NOAHALITÓ Y'Ë BUEÁ? (MEU ESTUDO ALCANÇOU BONS RESULTADOS?).....	56
5.1 Análise dos Resultados.....	56
ALĭ BUËARÉ WAHKUÃ/CONSIDERAÇÕES DA PESQUISA.....	83
WAMÃ TIRĭPŪ BUËINÁ/REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	87
APÊNDICE.....	90
Questionário para coleta de dados.....	90

APRESENTAÇÃO DO AUTOR / Y'Ë KOTIRIA KIRO HIHA (EU SOU DO POVO WANANO)

Minha trajetória e vida na cidade de São Gabriel da Cachoeira se iniciam a partir da migração de meu pai para um distrito próximo de sua comunidade e, posteriormente, chegando à cidade de São Gabriel da Cachoeira. O senhor Bibiano Ferraz, de nome indígena Mahápirio, do povo Kotiria (Wanano), sai de sua comunidade, conhecida pelo nome de Arara Cachoeira, no alto Rio Uaupés, para o distrito de Iauaretê. No referido distrito, ele conhece a senhora Marta Pereira, de nome indígena Kaisáro, do povo Tariana, com quem acaba se casando.

Após o casamento, os meus pais, nos anos 1970, saem de suas terras para a pequena cidade de São Gabriel da Cachoeira com intenção de conseguir os documentos pessoais e, em seguida, retornar ao distrito de Iauaretê. Porém, acabam permanecendo na cidade até os dias atuais. A FIGURA 1 ilustra esse processo migratório de meus pais.

FIGURA 1: Saída da comunidade para a cidade de São Gabriel da Cachoeira



Fonte: ISA/FOIRN. Adaptado pelo autor.

Então, nasci na linda cidade de São Gabriel da Cachoeira, no estado do Amazonas, em 22 de fevereiro de 1976, com o nome de Flavio Pereira Ferraz, pertencendo ao povo Kotiria, com o nome indígena de Wisóki. Na cidade de São Gabriel da Cachoeira toda a minha vida escolar foi em uma escola salesiana chamada Colégio São Gabriel, aonde também cursei o ensino Médio Técnico, o Magistério, com a intenção de ser professor.

Concluí o Ensino Médio em 1994, porém não segui de imediato a profissão de

professor. Fui arriscar a minha vida no Exército Brasileiro, onde fiquei do ano de 1995 até março de 2002, período em que fiquei estagnado, não fiz nenhum curso ou complementações em meus estudos. No ambiente militar, percebi a divisão de classes que estrutura a sociedade dominante e sofri discriminações. Como eu era um dos poucos que tinha o Ensino Médio completo, não sofri tanta discriminação quanto outros indígenas vindos do interior, ou seja, da zona rural. Conheci colegas, ou indígenas de várias etnias no Exército, então percebi a riqueza étnica/cultural de nossa região.

Logo após o término do meu tempo de serviço no Exército, tive a sorte de passar no vestibular da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e cursar a Graduação em Ciência Política. Em outubro de 2002, iniciei o curso de Ciência Política. Este curso me motivou a conhecer mais os movimentos sociais de nossa cidade e me trouxe conhecimentos para analisar e sair da alienação em que eu estava. A partir de atividades em campo, palestras em escolas e seminários acadêmicos, fui criando coragem de estar junto com meus colegas de trabalho.

Concluí o curso em 2007, minha primeira graduação, obtendo conhecimentos excelentes para a minha vida. O meu trabalho de conclusão de curso teve como tema: “A Complexidade de Organizações Modernas e a Coordenadoria de Qualidade de Ensino do Interior/Setor de Pessoal/SEDUC-SGC-AM”. Neste trabalho pude observar o sistema educacional do Estado e suas estratégias para o interior. O município de São Gabriel da Cachoeira por ser extenso e complexo em sua diversidade sempre foi foco de estudos, mais precisamente sobre as questões educacionais.

No ano de 2006, fui chamado a assumir a cadeira de Professor Municipal. Então, desde 2006, trabalho na Escola Municipal Indígena Dom Miguel Alagña. Sou professor concursado no Ensino Fundamental I/20hs, trabalho com as séries iniciais do 1º ao 5º ano. Gosto de trabalhar nessa escola, pois recebemos muitas crianças vindas do interior, ou seja, de comunidades localizadas em Terras Indígenas. Essa diversidade que acho interessante, pois acabamos voltando às nossas raízes e ultimamente a cidade cresceu bastante devido à vinda de muitos familiares de Terras Indígenas para a zona urbana.

No ano de 2008, peço Licença por Interesse Particular da Escola Municipal e vou assinar um contrato com a antiga Escola Agrotécnica Federal de São Gabriel da Cachoeira, que hoje é o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM). Neste ambiente educacional tive a oportunidade de ampliar meus conhecimentos e também conhecer outra realidade educacional de nosso município. Acompanhei os cursos técnicos de Administração, Meio Ambiente e Informática. Também os cursos do PROEJA/Contabilidade, Administração e os cursos subsequentes.

Fiquei, do ano de 2008 até o início do ano de 2010, neste contexto federal de educação. Neste tempo tive o prazer de acompanhar o curso de Etnodesenvolvimento realizado no Distrito de Assunção do Içana, fui para lá duas vezes, e até acompanhei a formatura dos estudantes. Lá verifiquei que muitos dos moradores de Assunção do Içana já haviam saído de lá, e os poucos que estão por lá pensam em sair de sua comunidade.

No ano de 2009 iniciei o curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação Profissional Integrada a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos, o PROEJA, realizado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas. Concluí o curso em 2010. O artigo final do curso teve como tema: PROEJA: Uma Análise Sobre a Complexidade de Implantação em um Contexto Multicultural. Desta forma verifiquei que as escolas do município sempre têm em sua maioria crianças, jovens e adultos originários de Terras Indígenas.

Em 2010, retorno para a Escola Municipal Indígena Dom Miguel Alagña, com mais experiência para melhorar o ensino e aprendizagem com as crianças, e assim poder compreender melhor os meus parentes² vindos de suas comunidades em busca de novas alternativas de vida. Nesse processo de amadurecimento em 2011, no mês de julho, consegui um contrato na UEA (Universidade do Estado do Amazonas) para ser professor auxiliar do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena/PROIND. Esta experiência foi maravilhosa, pois vi e percebi que os professores que frequentavam o curso eram dotados de conhecimentos riquíssimos e isso me ajudou muito na carreira do magistério.

No ano de 2010, consegui novamente passar no vestibular da UEA, e agora para cursar a Graduação em Ciências Econômicas. O referido curso teve seu início em outubro de 2010. Este curso me deu uma visão diferenciada do mundo em que estávamos vivendo. Ter uma visão macro e micro do ambiente econômico de nossa cidade me fez entender que nós tínhamos toda a possibilidade de mantermos economicamente a nossa diversidade, pois os artesanatos e as danças têm um valor no mercado da cidade. Assim pude analisar os grupos que se organizavam para poder divulgar as suas culturas com intenção de conseguir renda extra com essas atividades culturais.

Concluí o curso de Graduação em Ciências Econômicas em agosto de 2015. Nesta segunda graduação o tema de meu trabalho final, um artigo, foi sobre Educação e

² Esse termo é usado no texto para considerar a pessoa como irmão, seja ele da mesma etnia que eu ou não, ou seja, parente indígena. Pode ser que apareça o termo parente não indígena relacionado a pessoa que ajuda os grupos indígenas. Na língua kotiria é usado koeya/yê koeya que significa parentes/meus parentes e já os não indígenas são chamados de yalãna.

Desenvolvimento Regional: Abordagem Empírica e Analítica do Município de SGC-AM, no período de 2000 e 2010. Neste trabalho foi analisada a influência da Educação no Desenvolvimento Regional, pude verificar que a educação tem sim influência no desenvolvimento de uma região, neste caso esta é a busca de muitos que se deslocam das Terras Indígenas para a zona urbana de São Gabriel da Cachoeira.

Em 2013 a 2015 consegui uma bolsa para ser Tutor Presencial do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação Profissional Integrada a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos - Especialização PROEJA/ Educação Escolar Indígena, que também foi uma experiência ótima, pois consegui interagir com meus colegas professores e verificar que a Educação Indígena seria uma forma de focar a sustentabilidade dos nossos parentes em suas regiões de origem. Porém, muitos saem de lá para arriscar as suas vidas na cidade, ou seja, na zona urbana. Muitos vêm para cá sem nada e não conseguindo lugar no centro da cidade, acabam indo para a região periurbana.

Neste processo profissional de minha carreira, no ambiente de trabalho sempre tive uma participação ativa no que tange as questões culturais de meus parentes. Sempre buscando motivá-los através das danças tradicionais, artes indígenas, brincadeiras e mitos da região, organização política e econômica, mesclando com as disciplinas do núcleo comum. As crianças de início tiveram certa resistência, mas vendo a participação do professor e demais colegas tiveram o gosto de participar das atividades.

FIGURA 2: Professores e estudantes da Escola Municipal Indígena Dom Miguel Alagã



Fonte: Arquivo pessoal, 2016.

Assim acredito que estou ajudando a tornar visível a diversidade cultural de meus parentes na zona urbana de São Gabriel da Cachoeira, pois alguns pais que chegam à cidade

não querem mais agir da forma que agiam em suas comunidades de origem. E aqui atualmente existem grupos que se auto-organizam para divulgar as suas culturas, sendo assim este trabalho de pesquisa fortalece essa visibilidade e a presença de parentes indígenas em contexto urbano.

Neste sentido, a pesquisa e o estudo da auto-organização de grupos indígenas na zona urbana de São Gabriel da Cachoeira, tendo como escopo o desafio da sustentabilidade socioeconômica, os direitos e o fortalecimento de processos autogestionário desses grupos organizados, é a oportunidade de conhecer e propor estratégias de políticas públicas de valorização da sociodiversidade de povos indígenas na zona urbana de São Gabriel da Cachoeira.

Portanto, o curso de Mestrado Profissional em Desenvolvimento Sustentável com área de concentração em Sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais colaborou imensamente na assimilação de novos conceitos e proporcionou uma visão diferenciada na criação de novas estratégias de sustentabilidade voltadas a grupos indígenas que se organizam na zona urbana de São Gabriel da Cachoeira. Assim as questões educação, economia e política são o tripé, na concepção deste indígena urbano, para a sustentabilidade, visibilidade e demarcação de grupos indígenas na zona urbana de São Gabriel da Cachoeira.

INTRODUÇÃO

A presença de grupos indígenas no contexto urbano é uma realidade que deve ser analisada e discutida em vários ambientes de estudos, pois existem muitos parentes indígenas em cidades ou em grandes centros. Apesar de manterem a sua cultura, ainda assim os não indígenas acabam não considerando esses indígenas por simplesmente não estarem em suas aldeias.

Para entender essa realidade dos parentes indígenas em contexto urbano deve-se considerar primeiramente o processo histórico desses grupos na região em que vivem e verificar outros aspectos importantes na manutenção de sua identidade e cultura na zona urbana. No caso dessa pesquisa, o objetivo é verificar as atividades econômicas, ou seja, suas práticas ocupacionais, produtivas e comerciais (marĩ mahsĩa, marĩ da'raá, marĩ dua'a) no contexto urbano de São Gabriel da Cachoeira e sua relação de continuidade ou mudança com as práticas indígenas de produção características das Terras Indígenas da região.

A cidade de São Gabriel da Cachoeira é considerada a mais indígena do Brasil. Desde o início dos primeiros contatos, no final do século XVII (ALVES, 2015), quando ainda era apenas um ponto de descanso³ das viagens dos parentes indígenas e não indígenas, já era composta por pequenos grupos indígenas que habitavam as redondezas desta localidade e mantinham a relação econômica e social, primeiramente com grupos religiosos (carmelitas e jesuítas), depois os militares e por último os comerciantes não indígenas.

No século XVIII o ponto de descanso se torna povoado e nesse povoado vai se formando a futura cidade de São Gabriel da Cachoeira. Os parentes indígenas começam a fixar a sua moradia nesse povoado (primeiramente os Barés), juntamente com os missionários e os primeiros militares. No final do século XIX a região toda recebe o status de município e em meados do século XX (1938), o povoado se torna cidade.

A relação econômica e social se intensificou no início do século XX (1914), com a chegada de novo grupo religioso - os Salesianos, e nos anos 70 do mesmo século com o aumento de efetivo militar pela implantação do 1º BEC (Batalhão de Engenharia e Construção) no município e com instalação de duas empresas de construção civil, a Construtora Queiroz Galvão e a EIT (Empresa Industrial Técnica).

Diante desse processo desenvolvimentista, muitos parentes que ainda estavam em sua comunidade saem para a sede do município de São Gabriel da Cachoeira. Assim a cidade

³ Apesar de não ser citado diretamente pelo Alves (2015), em conversas informais com os parentes pode-se presumir que o referido local era (ainda é) um ponto estratégico tanto para os missionários como também para os parentes, pois o referido local (cidade) fica no eixo central do município de São Gabriel da Cachoeira.

creceu consideravelmente, de pequena cidade com apenas o centro comercial e poucas residências, para uma cidade - inicialmente com 4 bairros e, atualmente, com 12 bairros. No decorrer desse processo, houve um aumento no número de grupos étnicos na zona urbana do município, principalmente nos bairros periféricos.

Com a inserção de projetos de valorização cultural indígena, por intermédio do movimento indígena, a região do Rio Negro conseguiu apoio para as organizações localizadas na zona rural do município, ou seja, dentro das terras demarcadas localizadas nas imediações da cidade. Esse movimento de projetos através do PDPI⁴ (Projeto Demonstrativo de Povos Indígenas), tendo como focos a proteção territorial, economia sustentável e a valorização cultural, afeta também a zona urbana da cidade, pois produtos indígenas que eram apenas consumidos dentro do ambiente familiar, começam a ser valorizados no mercado local e consequentemente comercializados no centro da cidade e em feiras.

A diversidade cultural existente na zona urbana de São Gabriel da Cachoeira é bastante rica e a economia indígena na zona urbana encontra-se em processo de auto-organização. Observa-se a presença de grupos indígenas de várias etnias entre os residentes na zona urbana e periurbana da cidade. Três línguas indígenas foram oficializadas na região, que são: Yengatú, Tukano e Baniwa. Estas três línguas são comumente faladas por indígenas residentes na cidade.

A partir dessa diversidade cultural a pesquisa nos direcionou para a análise das práticas ocupacionais, produtivas e comerciais dos parentes indígenas no contexto urbano e a relação das referidas práticas tradicionais com a manutenção da identidade indígena em contexto urbano. Para a obtenção dos dados fez-se o uso de um questionário com a finalidade de análise destes dados relativos a grupos indígenas, suas respectivas atividades econômicas, produtivas e comerciais. Identificando assim as iniciativas de auto-organização e os efeitos dessa auto-organização de inserção econômica como forma de manter a identidade dos parentes indígenas na zona urbana de São Gabriel da Cachoeira.

Para a coleta dos referidos dados, o contexto pesquisado foi uma instituição de ensino municipal localizada na zona urbana, uma unidade educacional indígena denominada Escola Municipal Indígena Dom Miguel Alagña, a única escola municipal na zona urbana que oferece ensino fundamental I e II e Educação de Jovens e Adultos (EJA). A referida comunidade

⁴ Componente do Departamento de Extrativismo (DEX), vinculado à Secretaria de Extrativismo e Desenvolvimento Sustentável (SEDR) do Ministério do Meio Ambiente. O PDPI contou com apoio do governo alemão (KfW e GTZ) e apoiou projetos demonstrativos em Terras Indígenas demarcadas ou em demarcação na Amazônia Legal, encaminhadas por comunidades e organizações indígenas ou organizações indigenistas. (SOUZA, 2007).

educativa é composta em sua maioria de parentes indígenas, pois os estudantes são oriundos de comunidades indígenas da região.

Este estudo foi importante na análise de grupos indígenas residentes na zona urbana da cidade de São Gabriel da Cachoeira e poderá subsidiar estratégias de políticas públicas que visem à integração social e a inserção econômica desses povos no contexto urbano, respeitando sua diversidade e suas heranças culturais, material e imaterial, mesmo fora de seu território de origem.

As terras indígenas da região do Rio Negro foram demarcadas, porém muitos dos parentes indígenas ainda saem para a sede do município, encontrando-se em uma situação socioeconômica difícil. Diante das dificuldades de se conseguir um local de residência na cidade, alguns grupos vão para a estrada que leva à cidade e se organizam em comunidades na zona periurbana do município.

Estudar essa realidade dos parentes indígenas e as suas atividades na zona urbana pode contribuir dar uma maior visibilidade aos povos indígenas que residem nas cidades. Então, a pesquisa poderá contribuir para que se compreenda e se respeite a heterogeneidade cultural indígena, mesmo em espaços fora das terras indígenas tradicionais, ou seja, ter novas estratégias visando o fortalecimento da identidade indígena no contexto urbano mesmo sob ameaças e pressões dos não indígenas em afirmar que não existe indígenas na zona urbana (cidade).

Nesta linha de pensamento pode-se concordar com o relato do Documento Base da 1ª Conferência Nacional de Política Indigenista (2015), que diz: “... é necessário desenvolver estratégias e ações que fortaleçam as chances dos povos indígenas gerirem as potencialidades de seus territórios em um contexto de pressões e ameaças cada vez maiores”. Essas estratégias e ações têm que envolver os grupos indígenas residentes nas zonas urbanas, possibilitando-lhes aos parentes indígenas o fortalecimento de suas potencialidades culturais em contexto urbano.

Estudar as atividades econômicas dos indígenas urbanos de São Gabriel da Cachoeira, especificamente no que concerne às suas atividades produtivas e comerciais, é importante para se compreender a realidade desses grupos e elaborar novas estratégias de fortalecimento da identidade indígena na cidade de São Gabriel da Cachoeira.

Estas estratégias devem minimizar a pauperização de algumas comunidades periurbanas que vão de vez em quando para o centro da cidade comercializar os seus produtos e que às vezes acabam apenas trocando ou vendendo seus produtos a um preço abaixo do operado no mercado. Também é notável a recente valorização comercial de produtos e das culturas indígenas no contexto da cidade, sejam eles as danças, os artesanatos, as comidas típicas, os produtos da roça ou mesmo mitos indígenas, dentre outros.

Neste contexto de valorização comercial de produtos indígenas podemos usar o conceito de Valle e Silva (2009), a chave para o desenvolvimento é a participação, a organização, a educação e o fortalecimento das pessoas. O desenvolvimento econômico sustentável não deve ser centrado na produção, e sim nas pessoas. Então fortalecer primeiramente a identidade indígena no contexto urbano é importante para manter o processo produtivo tradicional na cidade de São Gabriel da Cachoeira.

Desta forma o foco desta pesquisa foi a análise das atividades econômicas dos grupos indígenas na zona urbana de São Gabriel da Cachoeira e as iniciativas de auto-organização desses grupos, que visam propiciar inserção econômica dos indígenas de São Gabriel da Cachoeira por meio da produção e comercialização, na zona urbana, de produtos que resguardem seus vínculos culturais com suas comunidades de origem.

Desta forma, o objetivo geral da pesquisa foi de analisar as práticas ocupacionais, produtivas e comerciais dos indígenas urbanos de São Gabriel da Cachoeira (AM) e as relações de continuidade e transformação dessas práticas com os sistemas produtivos tradicionais das terras indígenas na região. Em última instância, me interessa investigar – ainda que de forma exploratória neste estudo - como essas práticas contribuem para a manutenção da identidade indígena desses parentes na cidade. Os objetivos específicos para direcionar a pesquisa foram de mapear os grupos indígenas residentes na cidade e sua distribuição geográfica na zona urbana; identificar as principais atividades ocupacionais, produtivas e comerciais realizadas pelos indígenas urbanos de São Gabriel da Cachoeira (AM) e identificar iniciativas de auto-organização dos indígenas urbanos de São Gabriel da Cachoeira (AM).

As perguntas que orientaram a pesquisa foram: 1. As atividades produtivas e comerciais dos indígenas da zona urbana de São Gabriel da Cachoeira (AM) estão relacionadas com a economia indígena e contribuem para a manutenção da identidade étnica e vinculação desses grupos com suas comunidades de origem?; 2. As iniciativas de auto-organização em associações indígenas na zona urbana contribuem para a inserção econômica dos indígenas residentes em São Gabriel da Cachoeira (AM)?

Para compreendermos todo esse contexto a pesquisa foi organizada em cinco capítulos. No primeiro capítulo intitulado de *MARĪ YA WE'Ē, MARĪ YA MAHSĪA*, ou seja, nossa casa, nossa história, é contextualizada a região da pesquisa e o processo histórico da cidade de São Gabriel da Cachoeira. Conhecendo a referida região, suas especificidades e seu processo histórico poderemos compreender a presença dos parentes indígenas no contexto urbano de São Gabriel da Cachoeira.

No segundo capítulo intitulado de MARĨ YA DÍ'TÁ, MARĨ YA MAHKÃ, ou seja, nossa terra, nossa cidade, comenta-se sobre a demarcação das TIs (Terras Indígenas) no Alto Rio Negro, fator importante na valorização dos produtos indígenas a partir de um dos projetos implementados na região, o PDPI, focando três áreas específicas que foi a proteção territorial, a economia sustentável e a valorização cultural.

Seguindo, no terceiro capítulo denominado de YALANÃ BUE'Á, ou seja, o estudo dos não indígenas em relação aos conceitos relacionados à pesquisa como: indígena urbano, grupo indígena, autoidentificação, atividades econômicas, economia indígena, etnoeconomia.

O quarto capítulo denominado de MA'Ã WALI MAÃ, ou seja, o caminho que foi seguido, reserva-se à apresentação da metodologia e o lócus da aplicação da pesquisa. É apresentado o uso da coleta de dados que foi o questionário, o uso de documentos da escola, a amostra utilizada e o uso de análises dos dados através da estatística descritiva.

No quinto capítulo, intitulado de NOAHALITÓ Y'Ë BUEÁ?, uma pergunta que quer dizer se o estudo apresentou bons resultados, ou seja, a análise dos resultados. Neste espaço são apresentados e discutidos os dados da pesquisa, incluindo tabelas e gráficos.

A expectativa é de que o presente estudo, ao analisar a realidade de grupos indígenas residentes na zona urbana de São Gabriel da Cachoeira, contribua para a formulação de estratégias e políticas públicas, visando à sustentabilidade destes povos ricos em cultura material e imaterial.

CAPÍTULO 1 – MARÍ YA WE’Ë, MARÍ YA MAHSĪA (NOSSA CASA, NOSSA HISTÓRIA)

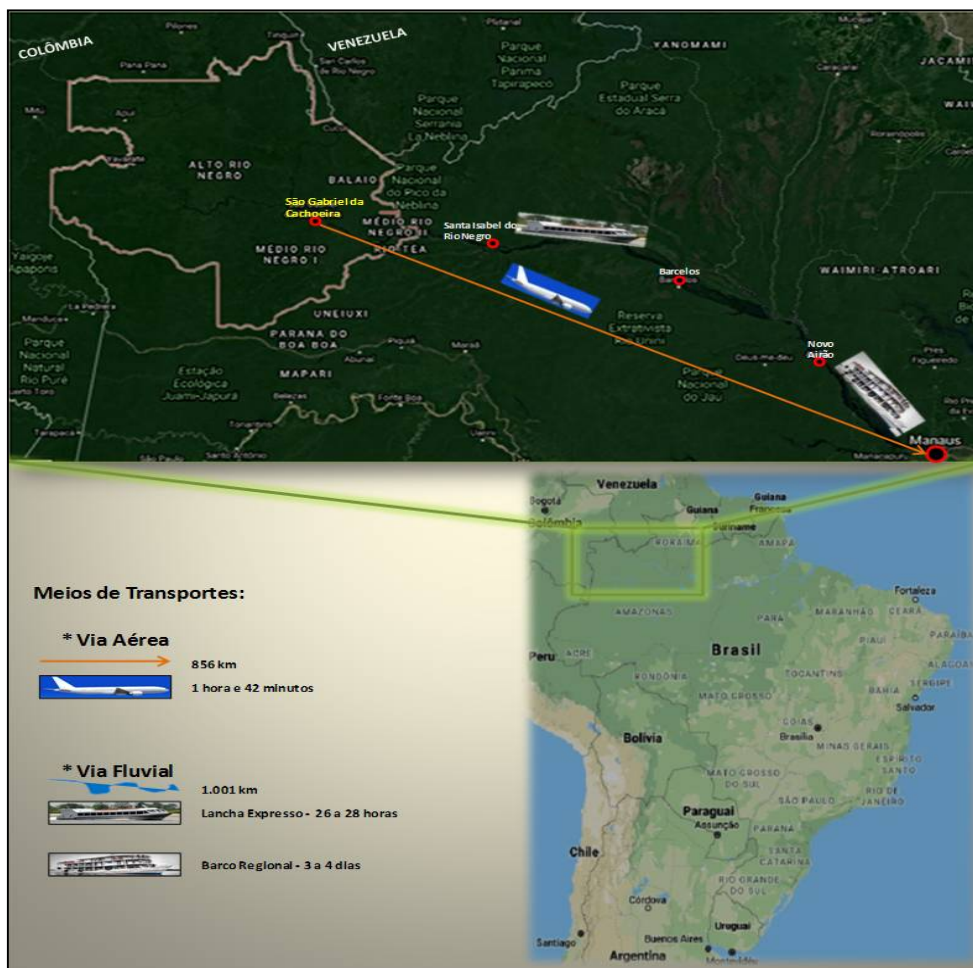
1.1 Contextualização da região Di’ero Dahpó / “Cabeça do Cachorro”

Conhecer o espaço da pesquisa, a casa onde se trabalhou e o processo histórico, é imprescindível para o início do relato desta pesquisa. Então, neste capítulo é contextualizado o município de São Gabriel da Cachoeira e a origem da cidade no estado do Amazonas.

O estado do Amazonas, na região norte, é composto por 62 municípios, e um destes é o município de São Gabriel da Cachoeira. A referida região, ou seja, a área do município, também é conhecida como “Cabeça do Cachorro”, devido o seu formato territorial assemelhar-se a um cão de perfil.

São Gabriel da Cachoeira localiza-se no extremo noroeste do estado do Amazonas, fazendo fronteira com a Colômbia e a Venezuela. Sua extensão territorial é de 109.183.434 km² (IBGE, 2010), e fica distante 856 km em linha reta da capital Manaus, conforme apresenta a FIGURA 3.

FIGURA 3: O município de São Gabriel da Cachoeira



Fonte: Google Earth. Adaptado pelo autor. são por via aérea e fluvial, não havendo rodoviária para ligar aos outros municípios. Geralmente as viagens de barco (barco recreio) levam de 3 a 4 dias de viagem, de lancha (expresso) levam em torno de 26 a 28 horas de viagem e por via aérea levando em torno de 1 hora e 42 minutos de viagem.

Este é o município onde ocorreu a pesquisa, tendo como escopo a zona urbana do município, ou seja, a cidade de São Gabriel da Cachoeira mais precisamente os parentes que formam a população indígena da Escola Municipal Indígena Dom Miguel Alagña.

Segundo a estimativa do Censo/IBGE (2010) a população de São Gabriel da Cachoeira é de 37.896 habitantes, da qual 29.017 são indígenas. Deste total de população indígena, 11.016 vivem na zona urbana e 18.001 na zona rural.

A TABELA 1 apresenta a divisão entre a população total residente na zona rural e urbana concomitantemente com a população total indígena na zona rural e urbana.

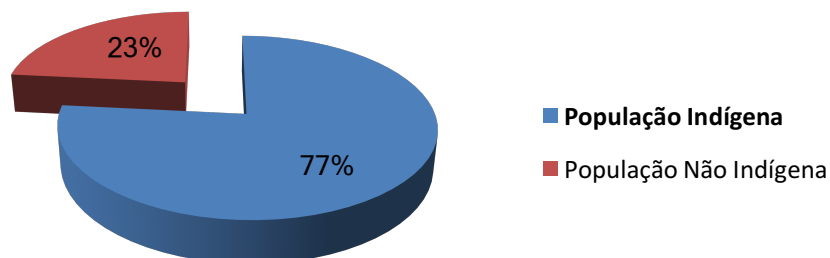
TABELA 1: População Total, Rural/Urbana e População Total Indígena, Rural/Urbana

População Total	37.896	População Total Indígena	29.017
População Urbana	19.054	População Urbana Indígena	11.016
População Rural	18.842	População Rural Indígena	18.001

Fonte: IBGE, 2010. Adaptado pelo autor.

No GRÁFICO 1 se observa a diferença percentual entre a população total indígena e a população total não indígena que residem no município de São Gabriel da Cachoeira. Da população total, 77% correspondem à população total indígena e apenas 23% correspondem à população total não indígena.

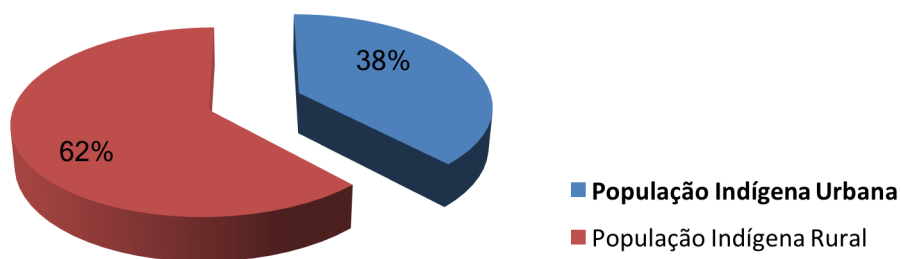
GRÁFICO 1: População Indígena e Não Indígena de São Gabriel da Cachoeira



Fonte: Fonte: IBGE, 2010. Adaptado pelo autor.

A diferença percentual entre a população indígena total urbana e a população indígena total rural é apresentada no GRÁFICO 2. A população indígena total que vive na zona rural equivale a 62% e a população indígena na zona urbana, foco da pesquisa, corresponde a 38%.

GRÁFICO 2: População Indígena Urbana e Rural de São Gabriel da Cachoeira



Fonte: Fonte: IBGE, 2010. Adaptado pelo autor.

A população indígena do município de São Gabriel da Cachoeira corresponde aos 23 povos indígenas e destes a sua maioria já vive e convive na zona urbana de São Gabriel da Cachoeira. Por isso, o interesse da pesquisa em analisar os grupos indígenas e suas atividades produtivas na zona urbana do município de São Gabriel da Cachoeira.

O município de São Gabriel da Cachoeira é formado por 6 distritos administrativos que são: Maturacá, Iauaretê, Pari Cachoeira, Taracuí, Assunção do Içana e Cucuí. Todos estes distritos se encontram nas 7 TIs (Terras Indígenas), e localizadas na zona rural da cidade (ver figura 6, Capítulo 2 desta pesquisa).

Antes de prosseguir o relato da pesquisa vale ressaltar e explicar o uso de alguns termos no decorrer do texto. Estes termos têm as suas especificidades no município onde se realizou a pesquisa, seguem os termos:

* Município – todo espaço geográfico formado pelas comunidades, sítios e a cidade de São Gabriel da Cachoeira.

* Zona urbana – no município é a área central, ou seja, a cidade de São Gabriel da Cachoeira. Toda área da cidade não faz parte de Terras Indígenas;

* Zona rural – no município é mais conhecido como interior. Esse interior quase todo faz parte de Terras Indígenas;

* Zona periurbana – área do município que se localiza próxima à cidade, ou seja, no limite urbano da cidade. Outro termo usado é Entorno de São Gabriel da Cachoeira (FOIRN, FUNAI e ISA, 2016) – combina ocupação tradicional à migração recente. Sítios e comunidades nos arredores do centro urbano. Os sítios e comunidades localizadas nos ramais não pertencem às Terras Indígenas, sítios e comunidades na estrada (BR – 307 – AM/SGC-Cucuí) uma boa parte não pertence às Terras Indígenas e os sítios e comunidades localizadas na margem direita do Rio Negro pertencem às Terras Indígenas;

No centro urbano do município de São Gabriel da Cachoeira, podemos encontrar traços específicos no que tange a estas questões culturais e mitológicas. São parentes indígenas conquistando espaço territorial em um ambiente urbano, que no passado já fazia parte de sua vida conforme o relato histórico da cidade.

1.2 Processo histórico da cidade de São Gabriel da Cachoeira

O povoado aonde viria ser a cidade de São Gabriel da Cachoeira tem sua origem logo no início dos primeiros contatos entre os parentes indígenas e os yalãna colonizadores

(religiosos carmelitas e jesuítas) no final do século XVII. Os carmelitas venceram os trechos encachoeirados do Rio Negro, justamente no local onde mais tarde viria a ser fundado o município [cidade] de São Gabriel da Cachoeira (ALVES, 2015).

Neste trecho encachoeirado um núcleo urbano já era composto por pequenos grupos indígenas que habitavam as redondezas do local onde iria ser constituída a cidade de São Gabriel da Cachoeira. Estes grupos indígenas mantinham uma relação econômica e social com grupos religiosos (os jesuítas e os carmelitas).

Este núcleo urbano organizou-se na parte encachoeirada do Alto Rio Negro, em sua margem esquerda, ponto estratégico de parada nas navegações dos *koeyá* (parentes) e dos *yalanã* (não indígenas). Para entender esse contexto, Santos (2013), contribui:

A povoação de São Gabriel da Cachoeira está situada na margem esquerda do rio Negro, no trecho mais encachoeirado do grande afluente do rio Amazonas. Assente sobre uma formidável base granítica, que emerge do seio da terra, em vários pontos da povoação. Além das fortes cachoeiras denominadas de Curucuí, Buburi ou Pupuri, que deslizam vertiginosamente, no seu porto, produzindo um ruído interminável. O nome dado à cachoeira de Curucuí foi em homenagem ao cacique dos índios *Mayapenas*⁵, Curucuí. Está entre a ilha Adana e a margem esquerda do rio Negro, no coração da cidade.

Segundo o senhor Bibiano Ferraz da etnia *wanano*, morador da cidade de São Gabriel da Cachoeira há 42 anos, nesse ponto os parentes pernoitavam em suas viagens de passeio ou comercialização de trocas (escambo) entre os próprios parentes e os não indígenas.

Então, este contato já preconizava a troca (escambo) entre os indígenas e não indígenas. Porém essa forma de troca dos primeiros parentes indígenas não era vista como comércio, pois não favorecia a valorização mercantil, segundo Silva (1977, p. 222), “[...] o espírito comunitário não favorece o comércio propriamente dito. Nunca houve uma moeda para a realização do seu comércio”.

As trocas tradicionais de produtos indígenas se embasavam no princípio da reciprocidade comunitária vivenciada pelos primeiros parentes, que produziam o suficiente e o pequeno excedente trocavam ou davam aos seus parentes.

A partir da época da construção da fortaleza de São Gabriel da Cachoeira, nos meados do século XVIII, grupos indígenas mantêm o contato social e econômico (escambo), com os *yalanã* militares (não indígenas), agora não nas redondezas e sim no núcleo urbano.

Conforme os dados do padre Noronha, Xavier Sampaio, Rodrigues Ferreira e Braum, citado por Silva (1977, p. 23), na região do Rio Negro no século XVIII há indicação das tribos em [cidade] São Gabriel da Cachoeira com presença de 180 almas indígenas, sendo os *Barés*,

⁵ Ou *Mayapinas* - Parentes indígenas que viviam domiciliados no rio *Curicuriari*, afluente da margem esquerda do Rio Negro. (SANTOS, 2013).

Mepurí⁶ e Jurí⁷ (pixuna). Destas etnias, apenas os Barés ainda permanecem na cidade de São Gabriel da Cachoeira.

Nesse percurso histórico do município, a formação da futura cidade de São Gabriel da Cachoeira se dá precisamente no ano de 1761, primeiramente como povoado, pois de acordo com Santos (2013):

Ao chegar no remanso das cachoeiras, Curucuí e Bubure, instalou-se na Praia Grande, na margem esquerda do rio Negro. Depois de fazer amplo reconhecimento do lugar e se entender amistosamente com a tribo dos índios Mayapinas, que guardavam as cachoeiras defendendo-as ardorosamente. Fundou as primeiras instalações nessa região, em dezembro de 1761.

Então o povoado de São Gabriel da Cachoeira foi criado no ano de 1761, através da construção de um forte para guarnecer a região do Alto Rio Negro, desse fato Alves (2015) contribui relatando:

O Capitão José da Silva Delgado naquele mesmo ano, 1761, fundou onze povoações, dentre elas, [cidade] São Gabriel da Cachoeira, construindo em uma de suas ilhas a primeira edificação do histórico e lendário Forte São Gabriel. Estabelecera-se, portanto, um pequeno Destacamento Militar, o pioneiro do Alto Rio Negro que posteriormente, em 1775, foi reconstruído numa melhor posição estratégica e em melhores condições. Foi justamente em torno do Forte, nesta segunda edificação é que o povoado de São Gabriel da Cachoeira foi se formando.

Nesse processo de formação e organização do povoado de São Gabriel da Cachoeira, a relação econômica e social dos parentes indígenas se intensifica nos meados do século XIX, pois novos conquistadores adentram a região para transacionar os produtos dos não indígenas com os produtos dos parentes indígenas. Assim os parentes começam a vislumbrar os produtos dos comerciantes colonizadores, mas sempre em negociação injusta, conforme Lasmar (2005, p. 31):

No século XIX, entraram em cena outros representantes da presença branca na região: os comerciantes ou ‘regatões’. [...] Suas relações com a população nativa reproduziram, em certa medida, o sistema de exploração econômica que desde o início caracterizara a interação entre brancos e índios no rio Negro. Os contatos iniciais foram estabelecidos por meio do escambo de mercadorias por produtos extrativistas. As primeiras já despertavam interesse nos índios, e a possibilidade de obtê-las direta e sistematicamente dos brancos exerceu sobre eles um forte apelo. Em contrapartida, os índios tinham sua mão-de-obra explorada pelos comerciantes. Assim, em pouco tempo, estabelecia-se um sistema de trabalho assentado no endividamento.

A região onde se localiza o povoado de São Gabriel da Cachoeira é transformada em município no final do século XIX, no ano de 1891. De acordo com o relato de Alves (2015) o município acaba recebendo o nome de São Gabriel do Rio Negro.

⁶ Ou Mapuri, era uma horda de parentes Barés. Encontravam-se nos rios Marie e Curicuriari, afluentes da margem direita do rio Negro, e nas florestas do rio Japurá. (SANTOS, 2013).

⁷ Ou Juripixuna “boca negra”. Habitaram o rio Poreos e outros afluentes da margem ocidental do rio Japurá, estendendo-se até os rios Içá, Tefê e Negro. (SANTOS, 2013).

Nesse contexto, o contato econômico e social vai se modificando, com a chegada de novos yalãna, apesar de não existir mercado para exposição dos produtos destinados ao comércio, “[...] vai-se acentuando modernamente entre os índios, pelas relações com os civilizados, o conceito de um valor intrínseco, pela raridade não só, como também pelo trabalhoso do seu fabrico e dificuldade de obter a matéria-prima” (SILVA, 1977, p. 222).

A chegada de novo grupo religioso, Congregação Salesiana no ano de 1914, colabora com esse processo de mudança nas relações econômicas e sociais. Em 1916 os salesianos se estabelecem definitivamente na futura cidade de São Gabriel da Cachoeira, ou seja, no início do século XX os salesianos chegaram à região instalando uma série de missões, com o objetivo de catequizar e educar os índios ali existentes (AZEVEDO, 2006).

O comércio começou a ganhar espaço no Rio Negro, na cidade de São Gabriel da Cachoeira. Se antes a permuta acontecia principalmente entre os parentes indígenas, com o aumento populacional na região, especialmente derivadas dos fluxos migratórios de militares e religiosos, as trocas se mercantilizam e passam a ser mais direcionada às relações com os não indígenas, onde de acordo com Silva (1977, p. 223):

Da indústria indígena objetos de compra não são apenas os seus artefatos para coleções de museus ou adornos de casas particulares. Os que vivem ou viajam por suas regiões obtêm dos índios parte de sua alimentação em *frutas* (especialmente bananas, mamões, abacaxis), *farinha, beiju, peixe, caça*. As Missões Salesianas têm trazido grande estímulo aos índios para a produção dos meios de subsistência, pois mantendo mais de milhar de crianças indígenas no regime de internato gratuito, devem comprar ao índio *farinha, beiju, peixe, frutas, caça*, etc. para os seus alunos.

No ano de 1938 o povoado, ou seja, o núcleo urbano do município de São Gabriel do Rio Negro é elevado à condição de cidade recebendo o mesmo nome do município, era o marco que se implantava para incentivar o progresso e o crescimento da cidade (ALVES, 2015). E no ano de 1966 a cidade recebe o nome definitivo de São Gabriel da Cachoeira.

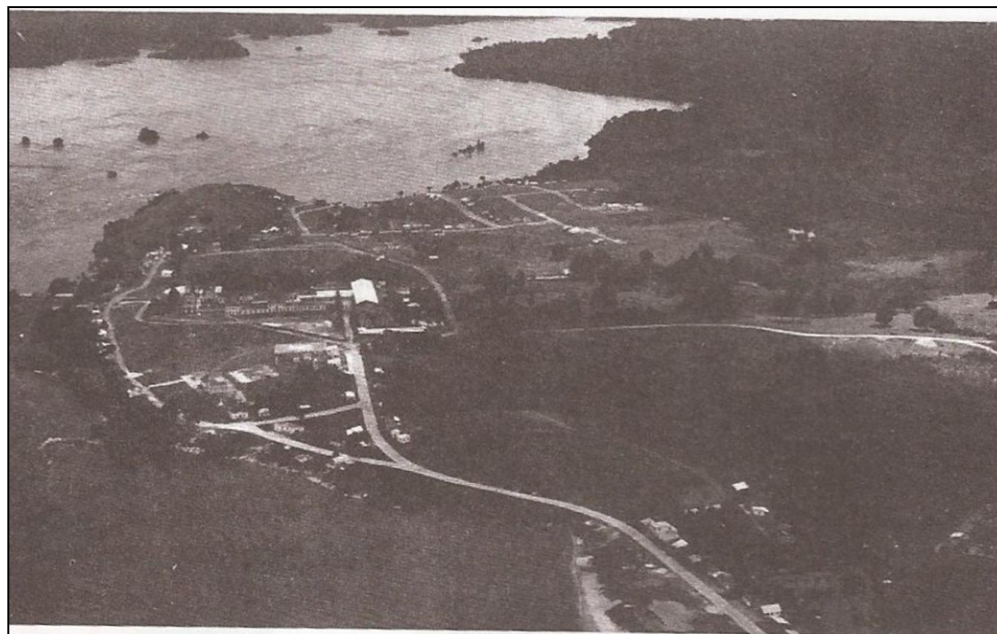
Nos anos de 1970, a cidade de São Gabriel da Cachoeira começou uma transformação com foco desenvolvimentista, uma vez que a região passou a ser alvo de programas de governo visando a integração nacional. O centro urbano da cidade começou a receber grupos étnicos que ainda não permaneciam na cidade. Este fato é descrito por Barros e Santos (200, p. 25):

A trajetória de São Gabriel tem nos anos de 1970 um marco relevante e crucial, quando esta pequena sede municipal passou a servir de base operacional para a implantação de programas oficiais de desenvolvimento, cujo carro-chefe era o plano rodoviário.

Então, no referido ano, muitas pessoas vieram de outras regiões, principalmente do Nordeste, com a intenção de conquistar um emprego e também ganhar terras. A cidade começou a crescer e, conseqüentemente, as novas formas de viver dos não indígenas ganharam espaço

na zona urbana e seduziram os parentes indígenas a virem para a cidade. A FIGURA 4 ilustra a pequena cidade na década de 70.

FIGURA 4: Vista aérea da Cidade de São Gabriel da Cachoeira



Fonte: São Gabriel da Cachoeira – Sua Saga, sua História (ALVES, 2015).

Nesse período, muitos parentes indígenas também desceram de suas comunidades, com a finalidade aproveitar as oportunidades apresentadas na zona urbana de São Gabriel da Cachoeira. Segundo Barros e Santos (2007, p. 25):

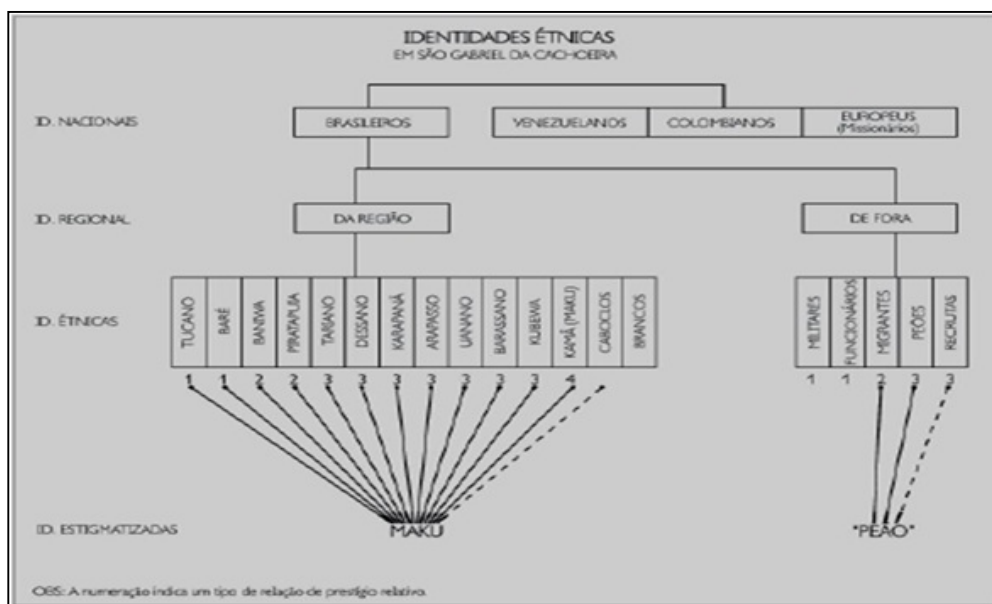
Na década acima referida [1970], duas grandes empresas, Queiroz Galvão e Empresa Industrial Técnica (EIT), além do Batalhão de Engenharia de Construção (1º BEC) instalaram-se em São Gabriel, aumentando consideravelmente, em razão disso, a população da cidade. Surgiram novas ruas, houve um maior incremento do comércio, várias instituições ali se instalaram e vários serviços de infra-estrutura, como ampliação da pista de pouso, luz elétrica permanente, água encanada, telefone, bancos etc., foram implementados. São Gabriel passou a receber não só trabalhadores (peões), principalmente do Nordeste brasileiro, como indígenas do interior do município.

O aumento de efetivo militar na região e a instalação de duas empresas de construção, consequências das chamadas “políticas de desenvolvimento” da região amazônica, contribuem consideravelmente com a inserção de uma nova forma de viver na região, e essa nova forma de viver aguça a curiosidade dos parentes em relação à zona urbana.

No decorrer desse avanço desenvolvimentista, a cidade de São Gabriel da Cachoeira, no ano de 1984, contava com a presença de vários grupos indígenas. O advento de mais grupos étnicos nos mostra um aumento significativo de parentes indígenas no centro da cidade. Mesmo com as dificuldades socioeconômicas, os parentes arriscam em permanecer na cidade.

Segundo Souza Santos (1984), com a aglomeração de vários grupos sociais, havia uma divisão entre os moradores da sede do município. De acordo com essa divisão, a população de São Gabriel da Cachoeira se dividia em identidades nacionais, regional e divisões étnicas, muitas vezes estigmatizadas, conforme se vê na FIGURA 5.

FIGURA 5: Identidades étnicas na zona urbana de São Gabriel da Cachoeira-1984



Fonte: Identidades étnicas em São Gabriel da Cachoeira (SOUZA SANTOS, 1984)

Observa-se, portanto, a presença de vários grupos étnicos na zona urbana de São Gabriel da Cachoeira, os quais se organizam em “duas classes”: “os da região” e “os de fora”. Assim como houve o aumento de grupos indígenas na cidade ao longo das últimas décadas, houve também o aumento de quantitativo de militares, funcionários públicos federais e estaduais e os ditos peões.

A numeração sob o nome dos grupos indígenas na FIGURA 5 indica a presença relativa desses grupos na zona urbana, sendo os grupos de maior presença (Tukanos e Barés) indicados com número 1, seguidos pelos Baniwas e Pira-Tapuya marcados com 2, e assim sucessivamente.

No decorrer dos anos de 1984 a 1987, mais um acontecimento irá marcar profundamente a zona urbana de São Gabriel da Cachoeira, colaborando com a vinda de mais parentes indígenas para a cidade:

Entre os anos de 1984 a 1987 foram fechados os internatos salesianos de Pari Cachoeira, no Tiquié, de Iauareté e Taracuá no rio Uaupés e de Assunção no rio Içana. Com isso, as famílias indígenas se viram obrigadas a mudar-se para as missões e, principalmente, para a cidade, para possibilitar aos seus filhos o acesso às escolas, e a cidade e os centros missionários começam a ter um grande crescimento populacional, processo este que continua até hoje em dia (FOIRN – ISA, 2000).

Com a chegada de populações de outras regiões, e também de parentes indígenas vindos da zona rural, a zona urbana começou a crescer espacial e demograficamente. Isso é perceptível nos anos 90, sobre o que Barros e Santos (2007, p. 25) nos relata que:

A partir dos anos de 1990, a cidade passou por uma brusca expansão urbana e dinamização do setor terciário, despontando como mais uma cidade latino-americana emergente. Desde então, a mesma cresce em extensão e em número de habitantes (com uma estimativa de 15.000 habitantes em 2006); todavia, apesar da intensa migração de pessoas de outras regiões e a numerosa presença de militares, continua sendo majoritariamente indígena.

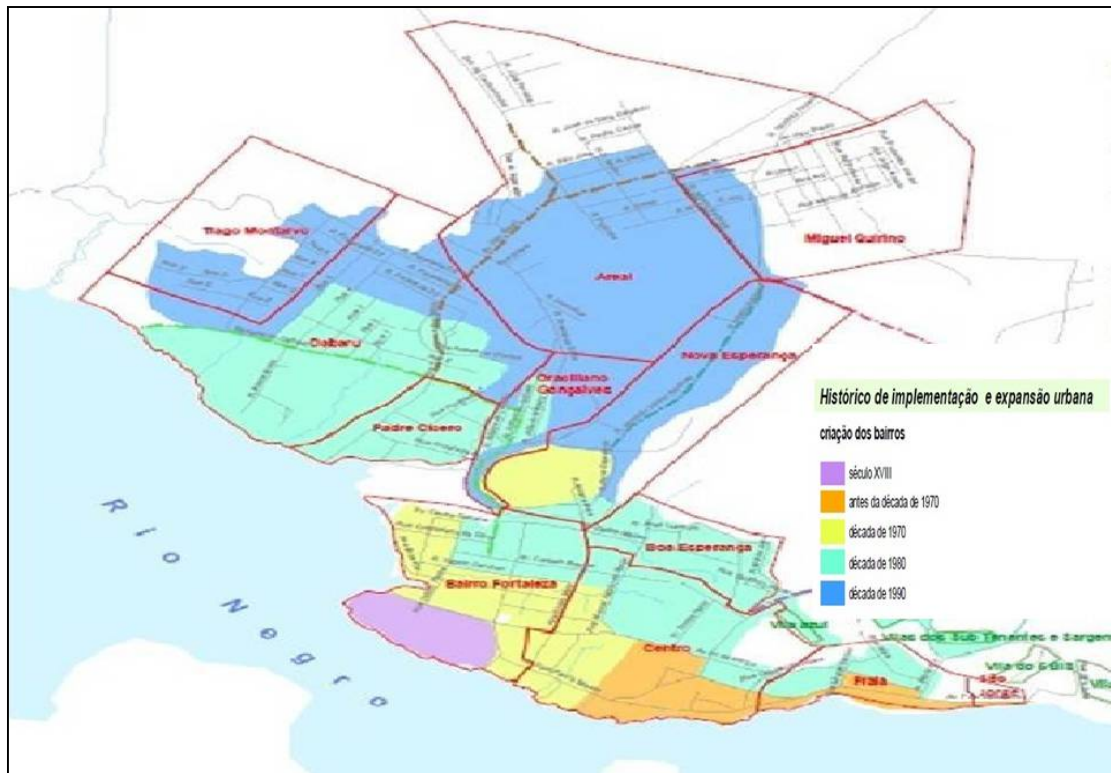
Isso confirma a indicação da cidade ser a mais indígena do Brasil. Assim Silva (1999, p. 112) diz que “a presença dos índios no contexto urbano é uma realidade. Os bairros periféricos constituem-se em lugares privilegiados para onde convergem várias famílias indígenas provenientes de diversos horizontes étnicos”.

Esta é a realidade da cidade de São Gabriel da Cachoeira, que desde a sua formação já contava com pequenos grupos indígenas e que agora há um aumento significativo destes grupos indígenas nos bairros periféricos da zona urbana.

Então de acordo com o processo histórico da cidade de São Gabriel da Cachoeira, que tem sua origem desde o final do século XVII e que no decorrer deste processo, de um simples povoado, que servia de entreposto comercial e militar, se transforma em uma cidade central para a população indígena do município.

Desde a formação da cidade de São Gabriel da Cachoeira a população indígena sempre fez parte desse crescimento geográfico e demográfico. A FIGURA 6 ilustra a expansão territorial urbana de São Gabriel da Cachoeira.

FIGURA 6: Expansão territorial da zona urbana de São Gabriel da Cachoeira



Fonte: Plano Diretor de São Gabriel da Cachoeira, 2006. Adaptado pelo autor.

A

A partir da FIGURA 6 observa-se que até o século XVIII o espaço territorial restringia-se a um pequeno núcleo, conhecido como povoado, e que a partir dos anos de 1970 começa a crescer geograficamente e conseqüentemente demograficamente. Vários bairros vão se organizando na cidade de São Gabriel da Cachoeira.

Apesar da cidade de São Gabriel da Cachoeira não estar inserida em uma Terra Indígena, as demarcações de Terras Indígenas na zona rural, tiveram influência na organização dos grupos indígenas e na valorização dos produtos indígenas na zona urbana. Estes fatos são comentados no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 2 – MARĪ YA DÍ'TÁ, MARĪ YA MAHKĀ (NOSSA TERRA, NOSSA CIDADE)

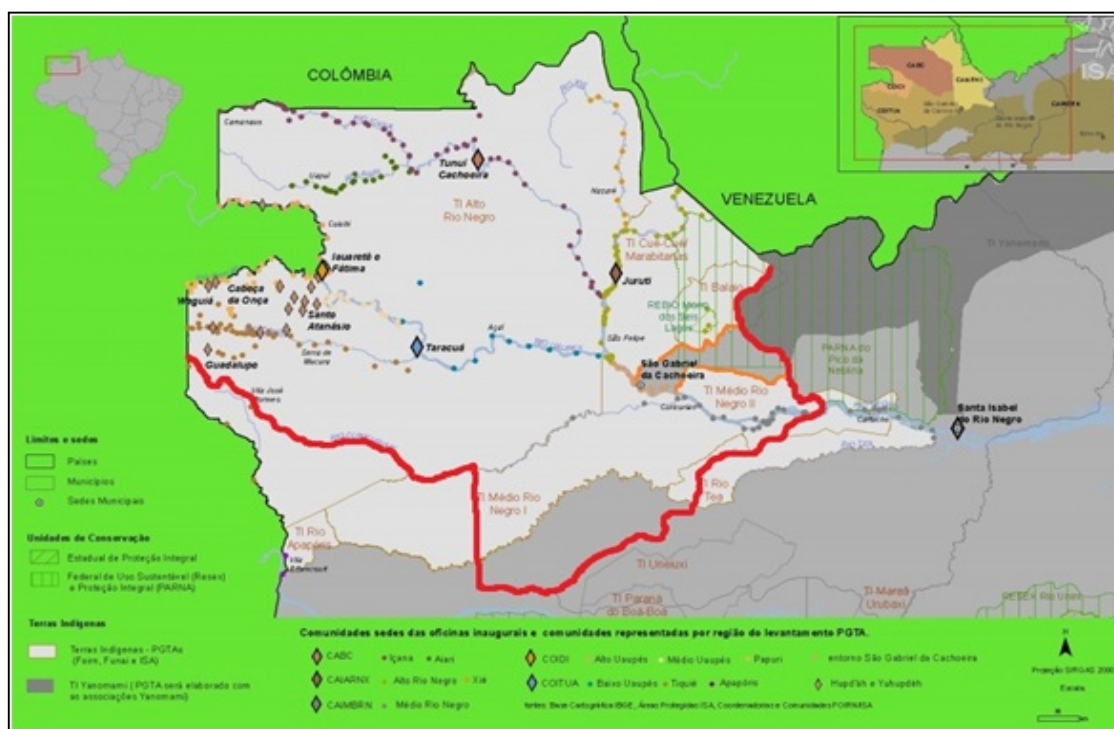
2.1 As demarcações e os projetos em Terras Indígenas

O processo de demarcação de Terras Indígenas contribuiu com a valorização da diversidade étnica e cultural dos parentes indígenas e também dos produtos tradicionais das Terras Indígenas localizadas na zona rural, através de projetos implementados pela FOIRN⁸ (Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro).

Este processo de demarcação também influenciou a vida dos parentes indígenas na zona urbana de São Gabriel da Cachoeira. Os produtos indígenas começam a ganhar espaço no mercado da cidade.

As demarcações das Terras Indígenas no Alto Rio Negro foram uma conquista do movimento indígena no ano de 1998, chegando ao total de 7 terras indígenas demarcadas e homologadas, conforme ilustra a FIGURA 7.

FIGURA 7: Planos de Gestão Territorial e Ambiental das Terras Indígenas do Alto e Médio Rio Negro



Fonte: Governança e Bem Viver Indígena (FOIRN; FUNAI e ISA, 2016). Adaptado pelo autor.

Na FIGURA 7 podemos observar o município de São Gabriel da Cachoeira. O traço vermelho indica a delimitação geográfica do município de São Gabriel da Cachoeira e o traço

⁸ É uma associação civil, fundada em 1987 para defender os direitos dos povos indígenas que habitam a região do rio Negro, no Estado do Amazonas - Brasil. Compõe-se de 93 organizações de base, que representam as comunidades indígenas distribuídas ao longo dos principais rios formadores da bacia do rio Negro. (WAYURI – Boletim Informativo/FOIRN. Edição 1/Janeiro - Março/2018).

laranja preenchido com a cor cinza realça a localização da zona urbana, ou seja, o centro urbano/cidade de São Gabriel da Cachoeira. A cor branca ilustrando as 7 áreas das terras indígenas demarcadas, sendo que 5 terras foram demarcadas e homologadas no ano de 1998. A Terra Indígena Balaio foi demarcada e homologada em 2009 e a Terra Indígena Cué-Cué Marabitanas demarcada e reconhecida no ano de 2013.

Então a zona urbana, ou melhor, a cidade de São Gabriel da Cachoeira situa-se entre as Terras Indígenas demarcadas. Nesse contexto, os parentes indígenas lutam pela auto-organização e pela autoafirmação visando a conquista de seu espaço dentro da cidade que, segundo Silva (1999), pode ser configurado como parte do “território cultural” indígena.

Este território cultural na zona urbana, não é um espaço novo, mas sim um espaço que há muito tempo faz parte da vida dos grupos indígenas, que agora buscam o seu direito de estar e se fixar nesse espaço geográfico. Sendo assim o Documento Base da 1ª Conferência Nacional de Política Indigenista (FUNAI, 2015, p. 31) nos orienta que:

Eles [os parentes indígenas] têm direito à autodeterminação e, por isso, podem escolher livremente como se organizar e buscar desenvolvimento econômico, social e cultural. Igualmente, têm o direito de manter e fortalecer suas próprias instituições políticas, jurídicas, econômicas, sociais e culturais, conservando ainda o direito de participar plenamente, se assim o decidirem, nas áreas política, econômica, social e cultural do Estado.

Então a partir de um projeto do Governo Federal, de promoção de desenvolvimento das comunidades indígenas, tendo como intermediador a FUNAI (Fundação Nacional do Índio), e a FOIRN (Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro) como responsável local de sua implementação, podemos perceber o fortalecimento da organização política, econômica (comercialização dos produtos tradicionais) e social dos parentes indígenas na zona rural e conseqüentemente na zona urbana.

O projeto em destaque foi o PDPI (Projeto Demonstrativo de Povos Indígenas) que apoiou três áreas: proteção territorial, economia sustentável [seja para fortalecer o autoconsumo e a segurança alimentar, seja para comercializar produtos da sociobiodiversidade] e valorização cultural.

Assim as organizações, ou melhor, as associações vinculadas a FOIRN tiveram a oportunidade de apresentar as suas demandas em relação ao processo de valorização cultural. A riqueza cultural que já era conhecida localmente ganha espaço notório a nível nacional.

Apesar de o PDPI ter sido direcionado às Terras Indígenas demarcadas, ou seja, para grupos indígenas do interior, os parentes indígenas da cidade também acabam sendo beneficiados, pois produtos indígenas começam a ser comercializados na cidade de São Gabriel

da Cachoeira.

Neste sentido o próprio Documento Base da 1ª Conferência Nacional de Política Indigenista (FUNAI, 2015, p. 29) nos orienta que:

Cabe, neste caso, ao Estado prover a assistência técnica adequada às especificidades dos povos indígenas, propiciando convergências entre os saberes tradicional e técnico-científico, e disponibilizando os recursos e a infraestrutura necessária para a produção, que garanta a segurança alimentar e nutricional, a reprodução cultural e a comercialização dos produtos indígenas em bases contratuais justas.

Portanto a zona urbana de São Gabriel da Cachoeira oferece espaço no mercado para produtos indígenas. Já podemos verificar a comercialização de produtos dos parentes indígenas nas feiras e em pequenos comércios. Então vale ressaltar a importância de analisar os parentes indígenas dentro do contexto urbano, pois segundo Silva (1999, p. 116):

A questão indígena, no meio acadêmico ou não, sempre é tratada e discutida a partir da espacialidade, da aldeia, da reserva, das terras indígenas, que servem de referência para caracterizar o lugar dos índios. Tanto assim que as discussões em torno da saúde, educação, autodeterminação, autonomia econômica, ações assistenciais, políticas indigenistas e indígenas, são direcionadas para essa espacialidade. Raros são os programas que visam beneficiar os índios que vivem fora desse contexto de “tribo”. O senso-comum, manifestado pela maioria das pessoas que residem nos espaços urbanos, trata a questão como sendo algo distante: “Aqui não tem índio, só no interior que tem...” Tal fato reproduz a lógica dos discursos que tratam ou se referem à questão indígena de forma sistematizada, elaborada, excludente, separando os espaços sociais urbanos, e remetendo o “índio” para fora desse contexto.

Esta discussão ou análise sobre os parentes indígenas no contexto urbano é muito importante, especialmente para entender a relação entre as atividades econômicas no meio urbano e os processos de afirmação e vivência da identidade indígena nesse contexto. Desta forma passaremos a relatar a situação atual dos parentes indígenas na zona urbana de São Gabriel da Cachoeira.

2.2 A zona urbana de São Gabriel da Cachoeira

Como já vimos, o processo desenvolvimentista vai modificando os aspectos sociais e econômicos da cidade de São Gabriel da Cachoeira, conforme a chegada de mais parentes indígenas e também de pessoas de outras regiões.

A forma de viver dos parentes indígenas vai se modificando, o seu bem viver vai se transformando em uma busca por “viver melhor”. O bem viver segundo Acosta (2016), relaciona-se à vida em pequena escala, sustentável e equilibrada, tendo como fundamento as relações de produção autônomas, renováveis e autossuficiente.

Aos poucos os parentes indígenas vão descendo de sua comunidade para a sede do município, o bem viver começa a ganhar outras características estipuladas pelos não indígenas.

Desta forma os parentes indígenas começam a vender a sua mão de obra para a aquisição de produtos não indígena e também começam a comercializar os seus produtos tradicionais.

No início do século XXI, entre os anos de 2004 e 2005, aproximadamente vinte e um ano após o relato de Souza Santos (1984), o ISA/Instituto Socioambiental e a FOIRN/Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro realizaram um trabalho de pesquisa sobre o perfil dos residentes da cidade de São Gabriel da Cachoeira intitulado “Levantamento Socioeconômico, Demográfico e Sanitário da Cidade de São Gabriel da Cachoeira (AM)”.

Nesta pesquisa, no tópico denominado Etnias na Cidade, ISA – FOIRN (2005, p. 20), são apresentados dados acerca do aumento do número de etnias presente na cidade. Podemos perceber que várias etnias já fixaram sua moradia na cidade, ou seja, estão morando na cidade e se autoidentificam como indígenas. A TABELA 2 apresenta as etnias que constam no relato da pesquisa.

TABELA 2: Etnias na cidade de São Gabriel da Cachoeira

Etnias na cidade	número de pessoas	%
Arapaso	106	1,5%
Baniwa	392	5,5%
Barasana	6	0,1%
Baré	2788	39,1%
Branco	1186	16,6%
Desana	406	5,7%
Karapanã	8	0,1%
Kubeo	22	0,3%
Kuripako	15	0,2%
Makuna	3	0,0%
Miriti-tapuya	30	0,4%
Nadob	8	0,1%
Outras	169	2,4%
Pira-tapuya	187	2,6%
Siriano	21	0,3%
Taiwano	6	0,1%
Tariana	349	4,9%
Tukano	1072	15,0%
Tuyuka	71	1,0%
Wanana	101	1,4%
Werekena	11	0,2%
Yanomami	13	0,2%
Sem resposta	165	2,3%
Total	7135	100%

Fonte: LevSGC-ISA/FOIRN-2004-2005

Nesse contexto as etnias de maior representatividade na zona urbana ainda são as mesmas da pesquisa de Souza Santos (1984): Baré, Tukano e Baniwa. Outras etnias têm média representatividade e as de menor representatividade são as etnias Barasana e Taiwano.

Segundo essa pesquisa, os grupos étnicos presentes na cidade de São Gabriel da Cachoeira, teriam aumentado de 12 para 20, ou seja, nesse intervalo foram identificados mais 8 grupos étnicos na zona urbana da cidade. Assim como houve o aumento populacional dos parentes indígenas, o número de “pessoas de fora”, ou seja, de não indígenas, também aumentou significativamente (ISA/FOIRN, 2005).

O aumento de grupos indígenas é devido a vários aspectos resultantes da urbanização do município. Assim muitos parentes indígenas saem das terras indígenas, de suas comunidades, motivados pela intenção de trazer seus filhos para servir o Exército, estudar e conseguir emprego na cidade de São Gabriel da Cachoeira.

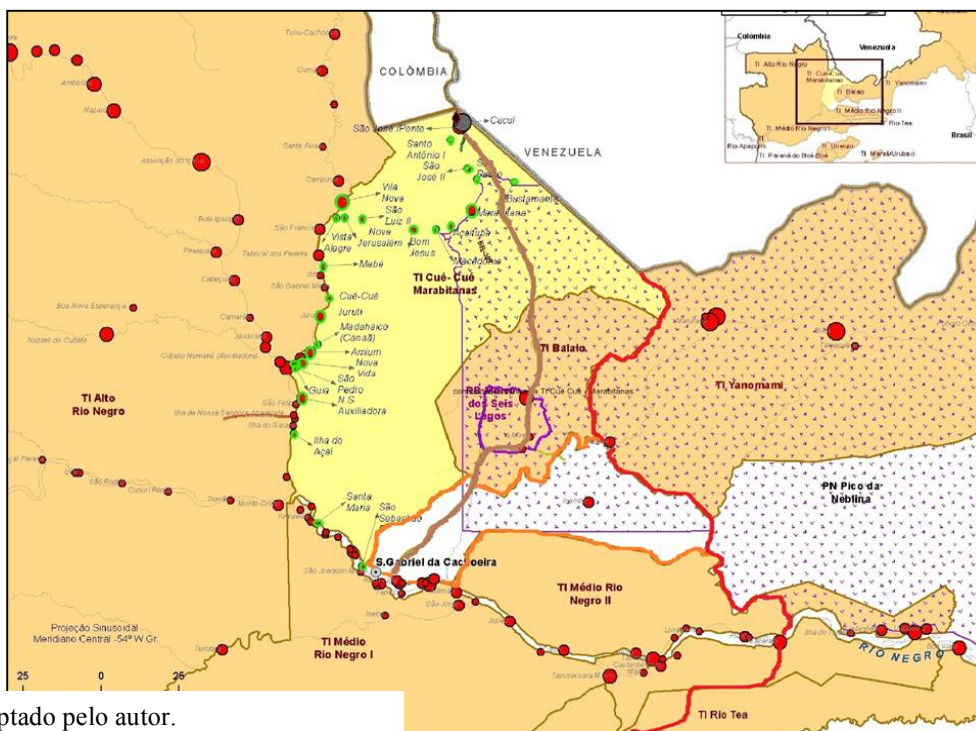
Este dado é ilustrado na pesquisa (ISA/FOIRN, 2004 – 2005, p. 26), na qual são elencados vários motivos da mudança para a cidade, dentre os quais são mais frequentes a busca pela educação escolar seguido da procura de trabalho na cidade (onde foi incluído o serviço militar), convite de parente e serviço de saúde.

Vale ressaltar que a maioria dos parentes reside nos bairros periféricos, tais como os bairros Dabarú e Areal e nos bairros de formação recente como Tiago Montalvo e Miguel Quirino. Na referida pesquisa constatou-se que a maioria dos moradores da zona urbana é natural da região, ou seja, são em sua maioria descendentes de indígenas (ISA/FOIRN, 2005, p. 25).

Ainda segundo os dados do ISA/FOIRN (2005, p. 29 e 30) onde é abordada a questão da economia primária, explicando que grande quantidade de parentes cultiva a roça nas imediações da cidade e identificando, também, destes quantos mantém vínculo com a comunidade de origem.

Desta forma podemos visualizar o espaço urbano de São Gabriel da Cachoeira na FIGURA 8, observando o traçado na cor vermelha indicando o limite do município, o traçado na cor laranja a área urbana, ou seja, a cidade de São Gabriel da Cachoeira.

FIGURA 8: Zona urbana de São Gabriel da Cachoeira



Fonte: ISA/FOIRN. Adaptado pelo autor.

É neste contexto que parentes oriundos de terras indígenas demarcadas, começam atualmente a se organizar focando as questões econômicas, políticas e educacionais dentro da zona urbana da cidade de São Gabriel da Cachoeira. Já temos alguns grupos indígenas auto-organizados que visam à sustentabilidade de sua população.

Temos como exemplo: Grupos de Mulheres Indígenas Artesãs, Grupo de Dança Tuyuca e Grupos de Agricultores Indígenas de São Gabriel da Cachoeira. De acordo com Carneiro da Cunha (1986):

A construção, ou a reconstrução da identidade, em espaços sociais distintos do seu, são formas encontradas por cada uma das etnias para recomporem-se e firmarem-se num processo de distintividade, que visa a reunião do grupo através de sinais diacríticos no espaço social.

Portanto apesar de parentes indígenas não estarem em suas terras demarcadas, o espaço urbano se tornou um local de encontro de etnias. A maioria é indígena, os antepassados passaram e ficaram por aqui, então a zona urbana de São Gabriel da Cachoeira é um território interétnico. Agora no capítulo 3 passaremos a dialogar com estudiosos sobre os conceitos que fundamentam a pesquisa.

CAPÍTULO 3 – YALANÃ BUE'Á (ESTUDO DOS NÃO INDÍGENAS) FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 Grupos Indígenas no espaço urbano da cidade

Neste capítulo, dialoga-se com os yalanã bue'á, ou seja, com o estudo dos não indígenas em relação a grupos indígenas em contexto urbano e sobre um dos aspectos que fazem parte do processo de auto-organização que é a questão produtiva e comercial dos produtos tradicionais dos parentes indígenas no contexto urbano de São Gabriel da Cachoeira.

Sendo assim, é importante comentar a importância deste tema, pois essa realidade de indígenas urbanos perpassa o nível local, sendo discutido em outros países com mais frequência segundo a Opção Brasil (2018):

Essa realidade dos indígenas que vivem no meio urbano não é exclusivamente brasileira, mas mundial e milenar. No entanto em outros países a questão nativa no meio urbano é amplamente mais debatida (Exemplos: Maori na Nova Zelândia, Aborígenes na Austrália, Cheyenne e Metis no Canadá, Navajo e Sioux nos EUA, Aymara na Bolívia, Triki e Mazahua no México, Quéchuas na Guatemala e Peru, Charrua e Guarani na Argentina, e casos locais no País de Gales, Itália, Alemanha e França só para constar).

No Brasil, de acordo com a Comissão Pró-Índio (2013) “segundo o censo de 2010, a população indígena no Brasil soma quase 900 mil pessoas, desse total 36,2% residem em áreas urbanas”. Então é necessário:

[...] ampliar e refletir sobre a presença indígena no meio urbano das cidades brasileiras e se possível não somente buscar conhecimento mas fornecer informações que sejam importantes para quem deseja conhecer e quem sabe até atuar na área, que também é, assim como os indígenas que vivem em meio urbano, invisível aos olhos da sociedade. (OPÇÃO BRASIL, 2018).

De acordo com Verdum (2011), hoje em dia, muitos indígenas, famílias inteiras, vivem em cidades como Manaus, Belém, Recife, São Paulo, Campo Grande e Porto Alegre, mas também em São Gabriel da Cachoeira, Palmeiras das Missões, Dourados e Passo Fundo. Os indígenas urbanos vivem e convivem desde os grandes centros até pequenas cidades do Brasil.

Diante desse fato Heck (2017) nos aponta três aspectos para os parentes indígenas se fixarem no contexto urbano:

Os indígenas nos cenários urbanos são frutos de três movimentos: o expressivo aumento dos indígenas que se autodeclararam; o avanço das cidades sobre espaços tradicionais; as migrações de populações originárias para as cidades, basicamente pela desassistência nas aldeias, as péssimas políticas públicas para os povos indígenas e a busca por melhores condições de vida.

No caso de São Gabriel da Cachoeira (AM), estes três movimentos justificam o aumento de grupos indígenas na cidade, porém o que mais se destaca é a migração dos parentes

indígenas para a cidade por fins diversos. Independente do motivo é preciso que a cidade seja local de afirmação de direitos indígenas (COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO, 2013). Pois segundo De Castro (2016):

Ser indígena é ter como referência primordial a relação com a terra em que nasceu ou onde se estabeleceu para fazer sua vida, seja ela uma aldeia na floresta, um vilarejo no sertão, uma comunidade de beira-rio ou uma favela nas periferias metropolitanas. É ser parte de uma comunidade ligada a um lugar específico, ou seja, é integrar um 'povo'.

Diante disso, entende-se, nesta pesquisa, grupos indígenas como sendo aqueles autoidentificados e organizados em famílias étnicas com o objetivo de valorizar os seus aspectos culturais, políticos, econômicos e educacionais, pois segundo Silva (1999, p. 113) “as relações sociais asseguradas entre os índios no espaço urbano estimulam reflexões sobre os processos e os níveis de operacionalização da identidade étnica”.

Essa relação social não seria somente entre os parentes indígenas, pois o Documento Base da 1ª Conferência Nacional de Política Indigenista (FUNAI, 2015, p.34) nos oferece a seguinte reflexão:

Autoidentificação – os povos indígenas são grupos sociais que marcam sua relação com as formações sociais dominantes a partir de diferenças e semelhanças. A autoidentificação é parte da autodeterminação naquilo que se refere às formas como os povos indígenas livremente se percebem em relação aos outros “grupos participantes do processo civilizatório nacional” (Art. 215, §1º, CF 88), e contam para estes e para si próprios a sua própria história. Com isso, a afirmação das identidades indígenas pode também favorecer a superação de preconceitos e estereótipos à medida que se reconheça o dinamismo das culturas e identidades indígenas, em constantes transformações internas, bem como de suas relações históricas com o Estado e a sociedade Brasileira.

Então, nesse processo de autoidentificação, é possível também questionar o aspecto econômico com a vinculação étnica no contexto urbano. A questão produtiva tradicional favorece ou não a autoidentificação no contexto urbano de São Gabriel da Cachoeira?

Esse é o desafio que os parentes indígenas urbanos têm para superar, além de sua autoidentificação, sua inserção no mercado local mesmo em uma cidade com a sua maioria indígena, sem que se perca sua vinculação com as heranças materiais e imateriais de suas origens étnicas. Na cidade de São Gabriel da Cachoeira ainda são poucos os grupos organizados e autoidentificados, e estes poucos ainda carecem de apoio de políticas públicas que atendam à diversidade étnica presente no contexto urbano.

Diante da complexidade de conceituar ou encontrar definições concretas propostas pelos não indígenas em relação aos parentes indígenas urbano podemos trilhar no pensamento de Nunes (2010), “no que tange à questão que se persegue aqui, isto é, a presença indígena nas cidades, estamos, me parece, ainda alguns passos atrás”.

Esta afirmação presume a indicação da dificuldade de entender ou compreender a presença de parentes indígenas em contexto urbano. No caso de São Gabriel da Cachoeira, ou do Brasil, dizer que parentes indígenas estão “chegando à cidade” é uma forma de esquecer o processo histórico da cidade e dos primeiros parentes indígenas, pois há muito tempo o centro urbano, antes de ser cidade, já era um território habitado por pequenos grupos de parentes indígenas.

Neste sentido Oliveira (1998, p. 32) contribui relatando as questões sobre etnicidade embasada em dois aspectos: a sua trajetória e a sua origem. Completa afirmando que:

O que seria próprio das identidades étnicas é que nelas a atualização histórica não anula o sentimento de referência à origem, mas até mesmo o reforça. É da resolução simbólica e coletiva dessa contradição que decorre a força política e emocional da etnicidade.

Por isso a importância de tecer o processo histórico da cidade de São Gabriel da Cachoeira no início desta pesquisa. Neste mesmo processo de pensamento Cunha (1987, p. 117) nos direciona para a questão de grupos indígenas a partir de dois aspectos que o caracterizam: a origem e a tradição. Neste sentido a mesma afirma o seguinte:

Origem e tradição são, portanto, o modo como se concebem os grupos: em relação ao único critério de identidade indígena, o de serem ou não identificados e se identificarem como tais, origem e tradição são, porém, elaborações ideológicas, que podem ser verdadeiras ou falsas, sem que com isso se altere o fundamento da identidade étnica.

Diante destas afirmações, verificamos realmente a dificuldade de conceituar o parente indígena no contexto urbano, pois dizer indígena urbano, indígena cidadão ou indígena desaldeado, trazem em si conceitos estereotipados e romantizados. Estamos em um território formado por vários parentes indígenas, e nós, nossos antepassados já fizeram parte deste território que se tornou cidade. Então somos parte deste território, não estamos chegando, já estávamos neste território há muito tempo.

Continuando essa tentativa de conceituar o indígena urbano apontamos as três características direcionadas pela Opção Brasil (2018), mas o essencial está no tripé Tradição, Cultura e Espiritualidade. É isso que faz o indígena ser indígena em qualquer lugar, independentemente do que esteja vestindo ou usando.

Este tripé está basicamente presente entre nós indígenas que vivemos na cidade. Acredito que não só em São Gabriel da Cachoeira, mas em todos os grupos de parentes indígenas do Brasil. Por isso Souza (2017) considera que:

[...] podemos considerar o índio urbano como um ser dinâmico, pois, ao mesmo tempo em que absorve os preceitos morais do processo civilizatório, luta para manter seus direitos e elementos culturais. Cabendo apenas destacar que, ao contrário do não-índio, a luta pela terra do índio urbano, não corresponde a um ideal patrimonialista,

próprio do regime capitalista, mais sim a um princípio para assegurar sua sobrevivência.

Desta forma, os grupos indígenas na zona urbana, sejam eles organizados ou não, mostram sua relação interétnica, tanto em festas quanto em trabalhos coletivos. Porém, pela necessidade de monetarização de suas relações de troca e consumo, a venda do excedente da produção indígena passou a ser a prática recorrente, substituindo o escambo ou as doações entre os parentes.

Mas, mesmo na zona urbana, também imperam ajudas coletivas na produção entre parentes de mesma etnia ou da mesma comunidade, apesar de haver certa individualização dessa forma de viver. Assim podemos analisar os processos produtivos e comerciais dos grupos indígenas no contexto urbano, verificando os aspectos destas atividades produtivas e a sua auto-organização para a comercialização e fortalecimento da identidade indígena no contexto urbano.

3.2 Atividades econômicas de grupos indígenas no contexto urbano

Partindo do pressuposto de que as atividades econômicas se relacionam aos processos para a obtenção de produtos, bens e/ou serviços destinados a cobrir as necessidades e desejos de uma sociedade particular, então se torna imprescindível entender o processo das atividades econômicas da sociedade indígena, no caso, dos grupos indígenas organizados e vivendo em contexto urbano.

As atividades econômicas também fazem parte do processo de autoidentificação indígena. Pois no decorrer desse contato com os yalanã, os produtos indígenas ganham espaço no mercado da cidade de São Gabriel da Cachoeira, não como o sistema econômico capitalista impõe, mas de acordo com a visão dos parentes indígenas no modo de comercializar o seu produto. Assim a zona urbana se torna um território de auto-organização dos parentes indígenas, propiciando um espaço de autonomia e visibilização dos indígenas em contexto urbano.

Em relação à Economia Indígena, Luciano (2006, p. 189) esclarece que a expressão se refere “às questões que envolvem a subsistência e o desenvolvimento sustentável dos povos indígenas na perspectiva da autonomia econômica”. Esse conceito vincula-se à tradicionalidade de grupos indígenas em seu território, mas será que esse conceito se mantém quando os grupos indígenas saem de suas comunidades para a zona urbana?

Nesse aspecto podemos analisar o contexto urbano, pois a demanda por produtos indígenas é bastante visível atualmente na cidade. A comercialização destes produtos tem propiciado à auto-organização de produtores e comerciantes indígenas, com vistas a fortalecer

as oportunidades econômicas para os parentes indígenas urbanos.

Porém, os parentes produzem para o consumo próprio e o pouco que excede vai para o mercado para a venda a miúdo, sem vislumbrar a produção e a distribuição em larga escala. Esse modelo diverge da hegemonia econômica, uma vez que a produção desses grupos indígenas não contribui de forma relevante para a dinâmica econômica da cidade.

Faz-se necessário entender a questão da autonomia econômica dos indígenas. Segundo Schröder (2003, p. 19), economia indígena não é uma coisa homogênea. Ela é definida segundo diversos critérios estruturais, organizativos e sociais. E, ainda assim, o sistema coloca os indígenas urbanos como indivíduos que não são mais considerados tradicionais, pois o contato com o não indígena modifica o seu modo de vida.

A inserção de grupos indígenas na economia urbana é bastante complexa e envolve elementos que escapam à racionalidade econômica do modelo de maximização de ganhos capitalista. Sendo assim, Schröder (2003, p. 106) relata que:

A racionalidade econômica das economias indígenas não pode ser compreendida em termos da racionalidade econômica das sociedades ocidentais. As economias indígenas não só estão marcadas por finalidades econômicas, mas os fins superiores dessas economias também podem ser ecológicos, políticos ou sociais, dependendo do caráter específico da cada sociedade. Por isso, recomenda-se falar no plural, em racionalidades das economias indígenas.

Então, nesse processo de análise da economia indígena temos que compreender as três concepções de práticas econômicas indígenas, as quais foram caracterizadas por Luciano (2006) como, primeiramente, as economias indígenas tradicionais; as economias indígenas tradicionais em vias de adaptação e, por fim, a economia indígena segundo a lógica do mercado. A concepção da economia indígena nomeada por Luciano (2006) como “economias indígenas tradicionais” é característica da forma de viver dos grupos indígenas em terras indígenas ou comunidades.

De acordo com Luciano (2006, p. 191):

Não se trata, portanto, de escolher certa concepção, pois seria sempre reducionista, mas de tratar as diferentes concepções e formas de organizar as economias dos diversos povos indígenas a partir do que oferecem como possibilidades de solução dos velhos e dos novos problemas, não somente na economia, mas em todas as dimensões da vida individual e coletiva. O desafio é como fazer isso sem que se fique dependente desta ou daquela concepção, pois [...] são sistemas econômicos que carregam com eles interesses políticos divergentes e excludentes.

Por isso a importância de analisar os grupos indígenas no contexto urbano, nesse contexto pode-se verificar a mescla desses três tipos de economia, pois Luciano (2006, p. 190) explica que:

As economias indígenas sempre mostraram alto grau de sustentabilidade, em grande parte pela capacidade que têm de estabelecer relação integrada de vida, em que formas específicas da organização social, das relações de parentesco, dos rituais sociais e religiosos apresentam funções indispensáveis ao estabelecimento do equilíbrio. Este se dá não através do domínio da natureza, mas por meio da compreensão em relação a ela e do respeito, o que implica decifrar a sua linguagem, seu funcionamento, suas forças e seus mistérios, pois a sobrevivência humana depende da sua capacidade de cooperar, respeitar e integrar-se a esta natureza.

De acordo com Schröder (2003, p. 107), os índios podem ter uma gama ampla de motivos para modificar e transformar sua organização econômica e adaptá-la à economia de mercado. Não há apenas *um* motivo. Na zona urbana de São Gabriel da Cachoeira, marcada por diversidade étnica, os processos produtivos e as transações comerciais realizadas pelos indígenas cumprem fins heterogêneos de economia, mas, também de inserção social, como ainda de afirmação política e de manutenção do vínculo com suas raízes étnicas.

Schröder (2003, p. 106) explica que:

A grande maioria das sociedades indígenas teve e ainda tem contato com várias frentes econômicas e sociais, fazendo com que a situação específica de cada sociedade e seu grau de integração na economia de mercado precisem ser analisadas e compreendidas em sua particularidade.

Essa particularidade das atividades econômicas dos parentes indígenas na zona urbana de São Gabriel da Cachoeira foi analisada nesta pesquisa com vistas a desvelar aspectos das atividades e da organização econômicas que se prestam a manter os laços destes grupos com suas comunidades tradicionais.

Portanto, o capítulo a seguir descreve os passos utilizados para alcançar o objetivo da pesquisa, caminho percorrido e ferramentas utilizadas para obter dados necessários para a análise dos grupos indígenas no contexto urbano e a amostra populacional envolvida na pesquisa.

CAPÍTULO 4 – MA'Ã WALI MAÃ (CAMINHO SEGUIDO)

4.1 Metodologia

Ma'ã walimaã, termo kotiria que significa “caminho que foi seguido”, pode ser o mais próximo do termo utilizado pelos yalanã buëiná (não indígenas professores/estudiosos), Tartuce (2006) caracteriza metodologia como sendo o corpo de regras e procedimentos estabelecidos para realizar uma pesquisa. Então nos próximos parágrafos apresentam-se as principais regras e procedimentos utilizados durante esta pesquisa, ou seja, o caminho percorrido para alcançar os objetivos traçados na pesquisa.

A pesquisa teve características de uma pesquisa exploratória e descritiva, pois a partir do levantamento bibliográfico e documental, os dados foram organizados e analisados para fundamentar a pesquisa. O uso de questionário aplicado in loco foi essencial para complementar e alcançar os objetivos traçados, os dados dos questionários propiciaram realizar uma análise estatística descritiva.

Diante destas características a pesquisa esta inserida em um contexto qualitativo e quantitativo, utilizando fontes primárias e secundárias, ou seja, os documentos escolares e o questionário aplicado na Escola Municipal Dom Miguel Alagña.

Desta forma os dados analisados nesta pesquisa foram coletados junto às famílias (pai, mãe ou responsável) dos estudantes da Escola Municipal Indígena Dom Miguel Alagña. Essa escola é uma instituição de ensino fundamental (I e II) e de Educação de Jovens e Adultos localizada na zona urbana de São Gabriel da Cachoeira.

Inicialmente, fez-se a análise dos dados (fichas individuais) dos estudantes, obtidos junto à secretaria da escola, para conhecer as famílias que iriam compor a amostra, uma vez que foram identificadas as famílias que têm mais de um membro estudando na Escola Municipal Indígena Dom Miguel Alagña. Essa informação foi importante para a filtragem dos dados, evitando duplicidades nas respostas que poderiam distorcer os dados da pesquisa.

Além disso, essa pesquisa documental inicial permitiu mapear o local de residência das famílias dos estudantes na cidade de São Gabriel da Cachoeira, traçando o perfil da distribuição espacial da população indígena na área urbana.

Passando à etapa de coleta de dados junto às famílias dos estudantes, foi aplicado um breve questionário a ser respondido pelo chefe de família (pai, mãe ou responsável). O referido questionário aplicado está no Apêndice 1. O questionário foi distribuído em sala de aula para os alunos levarem para casa e trazerem os questionários respondidos pelos pais.

Foram distribuídos 681 questionários, deste total 361 não devolveram o questionário no período determinado, 100 devolveram sem responder o questionário, somente 220

entregaram o questionário respondido. Podemos verificar estes dados na TABELA 3.

TABELA 3: Quantidade de questionários distribuídos

Não devolveram o questionário	361
Devolveram o questionário sem responder	100
Devolveram o questionário respondido	220
TOTAL	681

Fonte: O autor.

As informações obtidas por meio dos questionários permitiram mapear as etnias presentes na amostra, o tempo de residência na cidade, as ocupações (trabalho) dos chefes das famílias e as atividades produtivas e comerciais por eles realizadas.

As informações foram complementadas por conversa informal com alguns chefes das famílias sobre as atividades na roça e sua comercialização na cidade. Outra estratégia de complementação das informações foi a realização de visita às associações indígenas às quais os respondentes dos questionários estão vinculados, para verificar quais às principais atividades realizadas nessas associações.

Os dados obtidos pela análise documental, nas fichas cadastrais dos estudantes, e da pesquisa de campo, por meio dos questionários aplicados às famílias, foram tabulados em uma planilha Excel, com vistas a permitir a análise panorâmica. Aplicando-se as ferramentas da estatística descritiva, foram analisadas as frequências das respostas, assim como a participação relativa de cada categoria de resposta no total (por exemplo, gráfico de pizza apresentando a participação relativa das respostas “sim” e “não” a uma questão).

Relações entre as variáveis analisadas emergiram dos dados, de modo que houve potencial de pertinência para a análise de correlação. Com vistas a identificar as atividades econômicas realizadas pelos indígenas urbanos de São Gabriel da Cachoeira, este estudo fez uso da estatística descritiva para analisar os dados coletados junto às famílias dos estudantes da Escola Municipal Indígena Dom Miguel Alagña.

Com a definição da amostra, por acessibilidade, não se pretendeu representatividade de toda a população indígena da cidade de São Gabriel da Cachoeira, mas foi suficiente para uma abordagem exploratória e descritiva das atividades produtivas, comerciais e de consumo, logo, atividades econômicas, realizadas por indígenas de diferentes etnias residentes na zona urbana de São Gabriel da Cachoeira.

A análise estatística descritiva, embasada em dados nominais (tais como: bairro de

residência, atividades de geração de renda - trabalho ou emprego do chefe de família, atividades produtivas com fins de lazer, etc.) tem caráter quanti-qualitativo e, por isso, pretendeu-se descrever as características predominantes na amostra analisada.

A análise estatística foi complementada por uma análise interpretativa, que se deteve sobre as características das atividades econômicas de maior recorrência entre os indígenas urbanos para relacioná-las com as atividades tradicionais da economia indígena.

Uma análise cartográfica permitiu descrever a distribuição espacial das famílias indígenas nos diferentes bairros da cidade de São Gabriel da Cachoeira, bem como ainda revelar aglomerações por etnias no espaço da zona urbana. Considerando o perfil socioeconômico dos bairros da cidade, também foi possível inferir sobre as condições socioeconômicas dos indígenas urbanos de São Gabriel da Cachoeira.

A análise estatística sobre as questões relativas à ocupação (trabalho) e as atividades de roça permitiu realçar as atividades econômicas mais recorrentes das famílias da amostra. Para as atividades mais frequentes foram feitas comparações qualitativas, de cunho interpretativo, para verificar a conexão das práticas dos indígenas urbanos com aquelas de indígenas aldeados. Por meio dessa comparação, buscou-se revelar a manutenção das práticas produtivas tradicionais pelos indígenas urbanos e as transformações e modificações que tais práticas podem sofrer ou não ao serem adaptadas ao meio urbano.

O campo de pesquisa, neste caso, a Escola Municipal Indígena Dom Miguel Alagña nos proporcionou resultados interessantes, pois o grupo de estudantes é em sua maioria indígena e vindo da zona rural. A seguir relata-se um breve histórico da escola que nos apoiou neste trabalho de pesquisa.

4.1.1 A Escola Municipal Indígena Dom Miguel Alagña

A escola recebeu o nome de Dom Miguel Alagña em homenagem ao Bispo Diocesano Dom Miguel Alagña que nasceu na cidade de Marsala – Itália, aos 23 de janeiro de 1913, demonstrando a força ideológica da presença dos religiosos em São Gabriel da Cachoeira. Em 1967 como Bispo partiu para as missões do Rio Negro, chegando a São Gabriel da Cachoeira, com o objetivo principal de implantar a educação a todos.

Desta forma o bispo Dom Miguel trouxe o Ensino Fundamental de 5ª a 8ª série para esta cidade, construiu o Ginásio da Diocese para que os jovens pudessem praticar esportes e implantou escolas em diversas comunidades do Rio Negro.

A Escola Municipal Dom Miguel Alagña, foi reconhecida pelo ato de Criação e Decreto Municipal nº 040 de 28 de fevereiro de 2003, que posteriormente foi inserida a

nomenclatura Indígena. A escola está localizada na Rua Travessa Carlos Teixeira s/nº, no Bairro Fortaleza sudoeste da cidade de São Gabriel da Cachoeira.

Ao longo desses quinze anos, a escola passou pela administração de cinco gestoras, todas indígenas: professora Francinete Soares Martins da etnia baré nos anos de 2003 a 2004, professora Elisa Alves Fontes da etnia tukano de 2005 a 20 de junho 2008, professora Eloisa Assis Paiva da etnia tukano de 2008 a 2010, professora Cristina Soares de Soares da etnia baré de 2011 a 2012, professora Micaela Hilário Gama da etnia piratapuya de 2013 a 2016 e atualmente a professora Oslânia Rodrigues da etnia baré eleita para a gestão de 2017 a 2018.

Atualmente a Escola oferece o Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano), Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) e Educação de Jovens e Adultos 1º Segmento e 2º Segmento. Por ser a única escola municipal indígena de ensino fundamental na cidade, conta com corpo docente formado, em sua maioria, por parentes indígenas.

A maioria dos professores também são indígenas. O ambiente escolar é rico em diversidade étnica, por receber estudantes e professores vindos de diversas comunidades localizadas na zona rural e de terras indígenas do município.

Segundo a secretaria da escola, no ano de 2017, o total de alunos matriculados é de 1.212 divididos em três turnos: matutino (1º ao 4º anos) com 514 estudantes; vespertino (5º ao 9º anos), com 486; e noturno (EJA/Educação de Jovens e Adultos - 1º e 2º Segmento), com 212 estudantes.

O autor deste trabalho é indígena da etnia Wanano (Kotiria) e atua como professor na Escola Municipal Indígena Dom Miguel Alagña desde 2006. Atualmente, responsável pela disciplina de Educação Física, o autor tem contato direto com todos os estudantes do turno matutino. Tal proximidade com os membros que compõem a amostra permite maior segurança na obtenção dos dados e acesso aos respondentes para possíveis ajustes na coleta de dados que possam se fazer necessários.

4.2 Potencial dos Resultados

Com a abordagem quantitativa e qualitativa desta pesquisa oferecem-se elementos que contribuem para que se conheça e reconheça (dar visibilidade) os grupos indígenas residentes em São Gabriel da Cachoeira, sua organização socioeconômica e adaptação na zona urbana.

Entender esse contexto de multiplicidade de etnias, as necessidades e as dificuldades de adaptação à realidade urbana e as estratégias de inserção econômicas e de manutenção da identidade étnica e vinculação desses grupos com suas comunidades de origem pode contribuir para a criação de políticas públicas de interesse dos grupos indígenas na zona urbana de São

Gabriel da Cachoeira.

O respeito às suas origens e a valorização de seus conhecimentos são essenciais para a sustentabilidade de qualquer grupo social. Políticas públicas específicas poderão incrementar o potencial emancipador da auto-organização de parentes indígenas em contexto urbano, de modo a responder a demandas reais e atuais relativas aos desafios de inserção e desenvolvimento econômico desses grupos, independente do motivo de sua vinda para a cidade. Quiçá assim, seja possível evitar os efeitos perversos do potencial enfraquecimento da identidade étnica, constatada por Schröder (2003) como um efeito comum quando da inserção de indígenas nas práticas ocupacionais, produtivas e comerciais no mercado urbano.

CAPÍTULO 5 – NOAHALITÓ Y’Ë BUEÁ? (MEU ESTUDO ALCANÇOU BONS RESULTADOS?)

5.1 Análise dos Resultados

Após a aplicação do questionário, as conversas informais e as visitas, organizaram-se os dados para as referidas análises. Nesse processo a amostra foi composta por 220 pessoas (pais, mães ou responsáveis dos estudantes), conforme a TABELA 3 (capítulo 4), que responderam o questionário.

O questionário foi dividido em duas partes conforme o Anexo I. Na primeira parte preocupou-se em colher dados de maneira geral sobre a origem dos pais dos estudantes, seu pertencimento étnico, nome do bairro, seu endereço, tempo de vida na cidade, seu modo de trabalho, se faz parte de alguma associação e se trabalha no sítio ou na roça.

A segunda parte do questionário direcionou-se principalmente aos pais ou responsáveis que trabalham na roça ou sítio, para verificar se os mesmos além do trabalho na cidade ainda trabalham na roça, se a roça fica perto da cidade, quais as plantações cultivadas, se a roça é compartilhada ou não, se o mesmo comercializa os seus produtos, onde comercializa esses produtos, quem compra mais os seus produtos, quais os produtos mais vendidos, se os produtos tradicionais são valorizados na região, se recebe apoio da prefeitura ou de outra instituição para vender os seus produtos e quais outras atividades tradicionais além da roça o mesmo realiza.

Com estes dados em mãos tivemos a possibilidade de analisar a situação socioeconômica dos grupos indígenas na zona urbana através de sua ocupação, produção e comércio. Além destas análises tivemos a possibilidade de verificar que o espaço urbano é um espaço étnico rico em diversidade cultural.

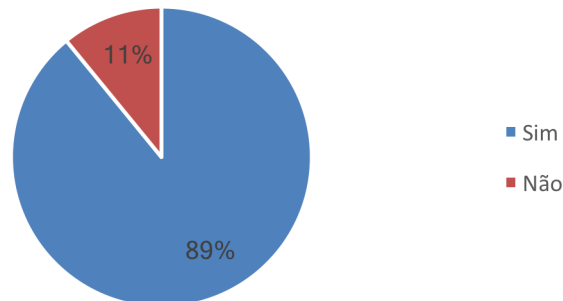
Diante dos fatos elencados acima começamos a análise da primeira parte do questionário, onde os 220 pais ou responsáveis responderam questões sobre a sua origem, pertencimento étnico e se o mesmo trabalha no sítio ou roça.

Optou-se por começar com a pergunta 4 “Você nasceu no município de São Gabriel da Cachoeira?”, para verificar quantos dos pais ou responsáveis são naturais do município incluindo a zona urbana e rural. Do total das 220 pessoas apenas uma pessoa não respondeu essa questão. Assim, das 219 pessoas que responderam, 196 responderam “sim” e 24 responderam “não”.

Este dado nos mostra que realmente a maioria da população é originária do município de São Gabriel da Cachoeira. O percentual dos dados pode ser observado no GRÁFICO 3.

GRÁFICO 3: Pergunta 4 do questionário de pesquisa

Você nasceu no município de São Gabriel da Cachoeira?



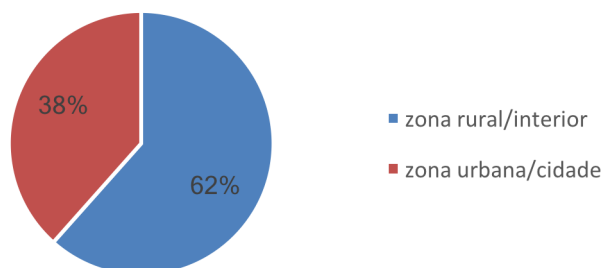
Fonte: Questionário de pesquisa

O GRÁFICO 3 indica então que 89% dos pais ou responsáveis dos estudantes da Escola Municipal Indígena Dom Miguel Alagña são naturais do município de São Gabriel da Cachoeira, levando em consideração a zona rural e urbana, e apenas 11% não nasceram no referido município.

A próxima pergunta analisada complementou a pergunta anterior. Então a pergunta 5 foi “Em qual localidade do município você nasceu?”, para verificar quantos pais nasceram na zona rural ou urbana de São Gabriel da Cachoeira. Nesta pergunta, 4 pais ou responsáveis não responderam a essa questão, 216 responderam. O GRÁFICO 4 ilustra estes dados.

GRÁFICO 4: Pergunta 5 do questionário de pesquisa

Em qual localidade do Município você nasceu?



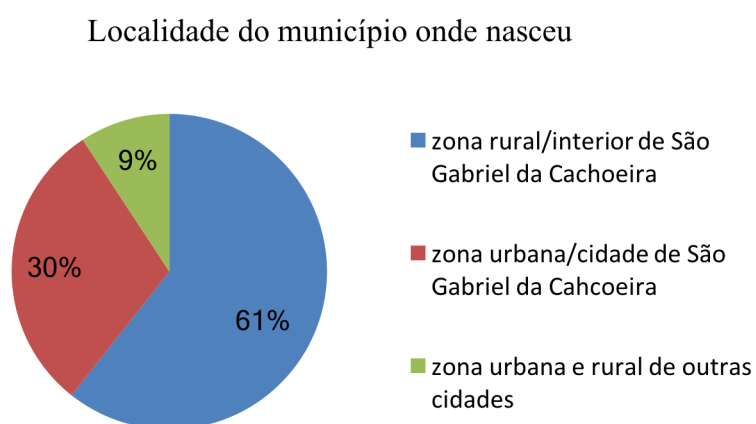
Fonte: Questionário de pesquisa.

No GRÁFICO 4 temos os seguintes dados: 133 pais ou responsáveis responderam zona rural/interior perfazendo 62% do total, e 83 responderam zona urbana/cidade equivalente a 38%

do total. Desta forma visualizamos que a população da cidade é formada em sua maioria de pessoas nascidas na zona rural/interior de São Gabriel da Cachoeira, ou seja, a maioria originase de Terras Indígenas.

Porém do total dos que responderam à pergunta 5, tivemos 20 pessoas que nasceram na zona urbana/cidade ou zona rural/interior de outros municípios, estado e país, como por exemplo: Santa Isabel do Rio Negro – AM, Barcelos – AM, Arrozal – RJ, Porto Velho – RO, Colômbia etc. Por isso, estes dados foram refeitos e podem ser visualizados no GRÁFICO 5.

GRÁFICO 5: Dados refeitos da pergunta 5 do questionário de pesquisa



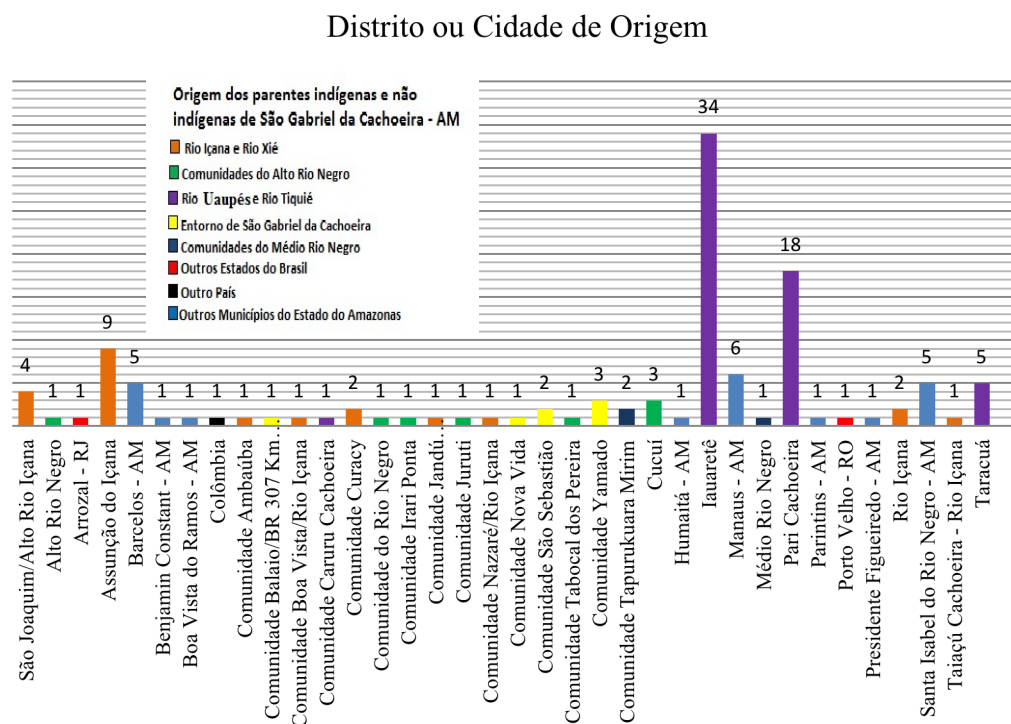
Fonte: Questionário de pesquisa

Os dados do GRÁFICO 5, nos mostra a diversidade da população do município de São Gabriel da Cachoeira, pois além dos parentes indígenas temos a presença de “pessoas de fora”, termo usado para designar pessoas vindas de cidades de outras regiões. Neste caso, 9% são pessoas de outras regiões. Assim podemos detalhar e conhecer a origem dos parentes indígenas e não indígenas a partir da pergunta 9.

Então no GRÁFICO 6, referente a pergunta 9, sobre o “Distrito ou cidade de origem” dos pais ou responsáveis dos estudantes da Escola Municipal Indígena Dom Miguel Alagã, obteve-se dados interessantes, apesar de 98 pessoas não responderem essa questão, com as respostas das 122 pessoas tivemos a possibilidade de verificar que realmente a maioria é originária do município e vindas da zona rural do município de São Gabriel da Cachoeira.

Então podemos verificar que a maioria dos moradores da cidade é originária do distrito de Iauaretê com total de 34 pessoas. Em seguida temos a região do Rio Içana com total de 19 pessoas, o distrito de Pari Cachoeira aparece com 18 representantes e o distrito de Taracua com 5 pessoas. O GRÁFICO 6 ilustra essa divisão da origem dos parentes indígenas.

GRÁFICO 6: Dados da pergunta 9 do questionário de pesquisa



Fonte: Questionário de pesquisa

Percebe-se que além dos distritos pertencentes ao município de São Gabriel da Cachoeira, constaram também pais ou responsáveis com origem em outros municípios do estado do Amazonas (GRÁFICO 6/coluna azul) como, por exemplo: Santa Isabel do Rio Negro, Barcelos, Boa Vista do Ramos, Benjamin Constant, Humaitá, Parintins, Presidente Figueiredo e a capital Manaus.

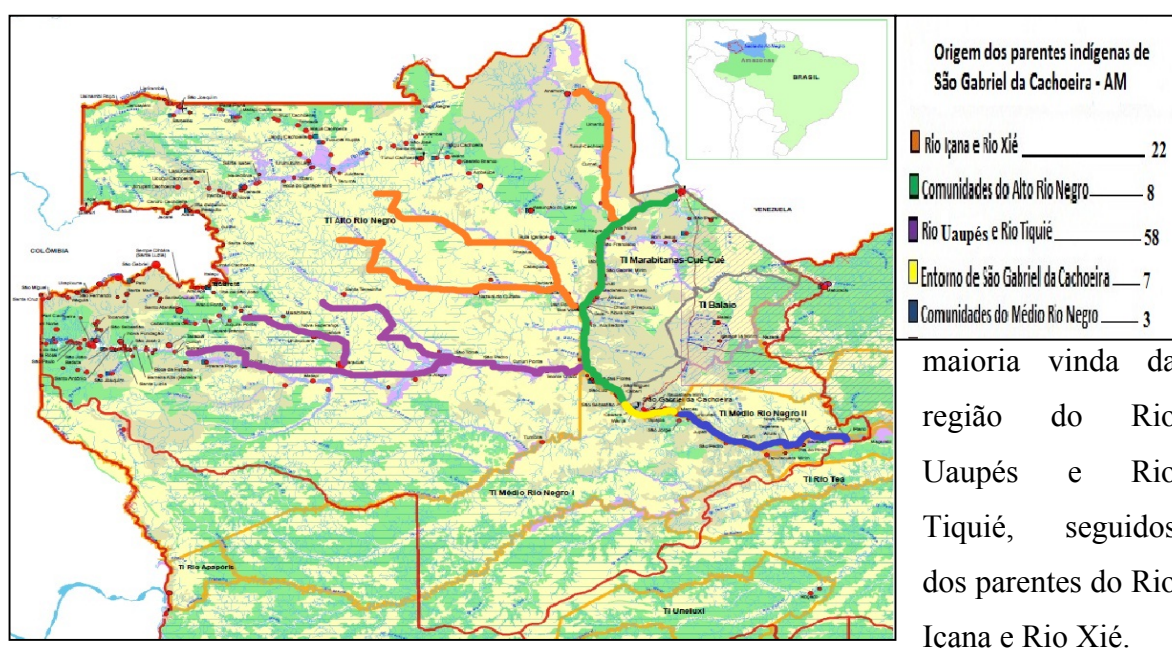
O GRÁFICO 6 também proporciona observar que temos presença de pessoas dos

municípios de outros estados como o Arrozal no Rio de Janeiro e Porto Velho – RO (GRÁFICO 6/coluna vermelha). Como a região é de fronteira temos uma pessoa vinda da Colômbia (GRÁFICO 6/coluna preta). Apesar de pouca representatividade, isso nos mostra que temos presença de pessoas de várias regiões em nossa cidade. Geralmente as pessoas vindas de outras regiões são militares ou servidores civis públicos estaduais e federais.

A partir do GRÁFICO 6 podemos organizar e verificar a distribuição geográfica da origem dos parentes indígenas na FIGURA 9. Organizamos a distribuição geográfica a partir da calha dos principais rios que formam o município de São Gabriel da Cachoeira e também das comunidades do entorno da cidade.

Com estes dados podemos concluir que a maioria dos moradores da cidade, ou pelo menos os pais dos estudantes da Escola Municipal Indígena Dom Miguel Alagña, são em sua

FIGURA 9: Localização geográfica dos parentes indígenas

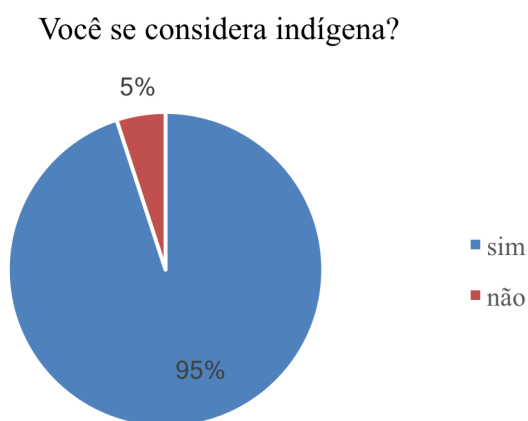


Fonte: Questionário de pesquisa

Após os dados obtidos em relação à origem dos pais ou responsáveis dos estudantes da Escola Municipal Indígena Dom Miguel Alagña, perguntou-se aos mesmos sua relação de pertencimento a uma determinada etnia do município, se os mesmos se consideram indígenas.

Desta forma a pergunta 8 foi “Você se considera indígena?”. Nesta questão apenas uma pessoa não respondeu a essa pergunta, portanto 219 responderam a essa questão. Deste total respondido 208 responderam que “sim”, porém 16 não especificaram sua etnia, e 11 responderam “não”. O GRÁFICO 7 nos mostra o percentual dos valores totais respondidos.

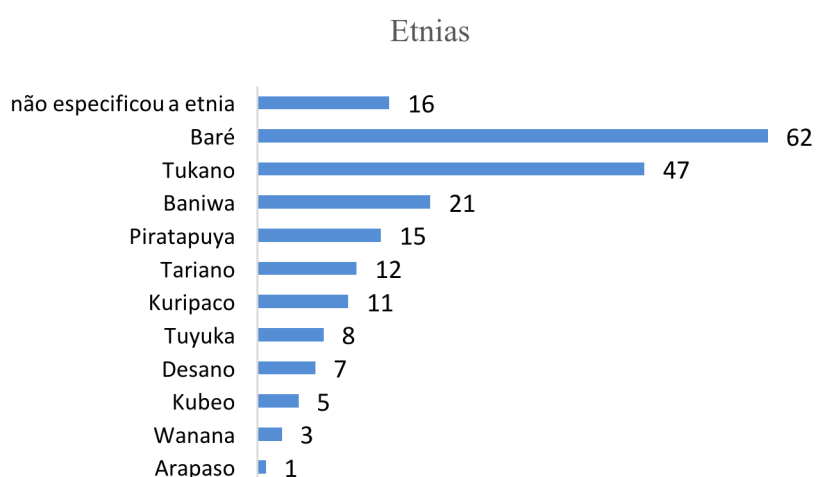
GRÁFICO 7: Pergunta 8 do questionário de pesquisa



Fonte: Questionário de pesquisa

O GRÁFICO 7 permite analisar que dos 219 pais ou responsáveis 95% se consideram indígenas e apenas 5% não se consideram indígenas ou não são indígenas. A partir dos 95%, que se consideram indígenas, podemos apresentar as etnias presentes na Escola Municipal Indígena Dom Miguel Alagña, de acordo com o GRÁFICO 8.

GRÁFICO 8: Complemento da pergunta 8 do questionário de pesquisa



Fonte: Questionário de pesquisa

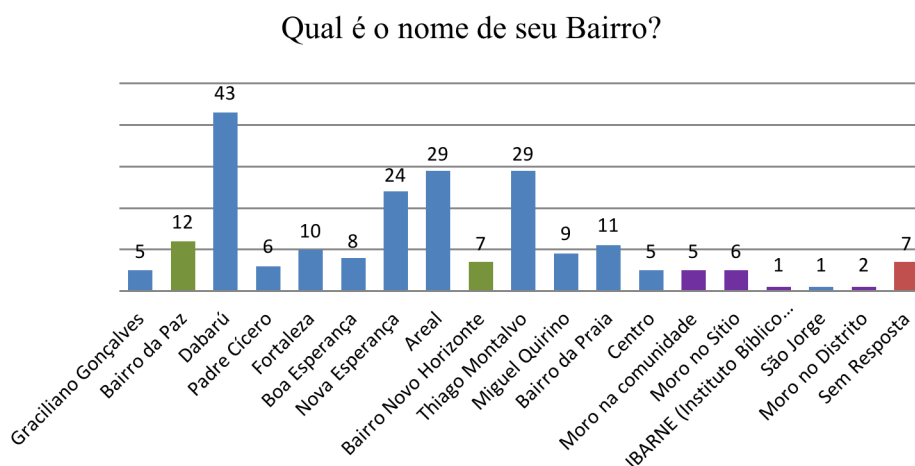
Desta forma o GRÁFICO 8 enumera as etnias dos pais ou responsáveis que compõem a Escola Municipal Indígena Dom Miguel Alagña. A partir do referido gráfico podemos

verificar que a presença maior ainda é da etnia Baré seguida pela etnia Tukano e a etnia Baniwa.

Após verificar o pertencimento étnico dos pais ou responsáveis dos estudantes, analisamos a pergunta 6 “Qual é o nome de seu bairro?”. A partir das respostas da referida pergunta tivemos a possibilidade de verificar a distribuição geográfica dos parentes indígenas pelos bairros que formam a cidade de São Gabriel da Cachoeira.

Nas respostas da pergunta 6 podemos observar que aparecem todos os bairros que formam a cidade de São Gabriel da Cachoeira. Vale destacar que 213 pais ou responsáveis responderam essa pergunta, e 7 não especificaram o nome de seu bairro. O GRÁFICO 9 ilustra a referida afirmação.

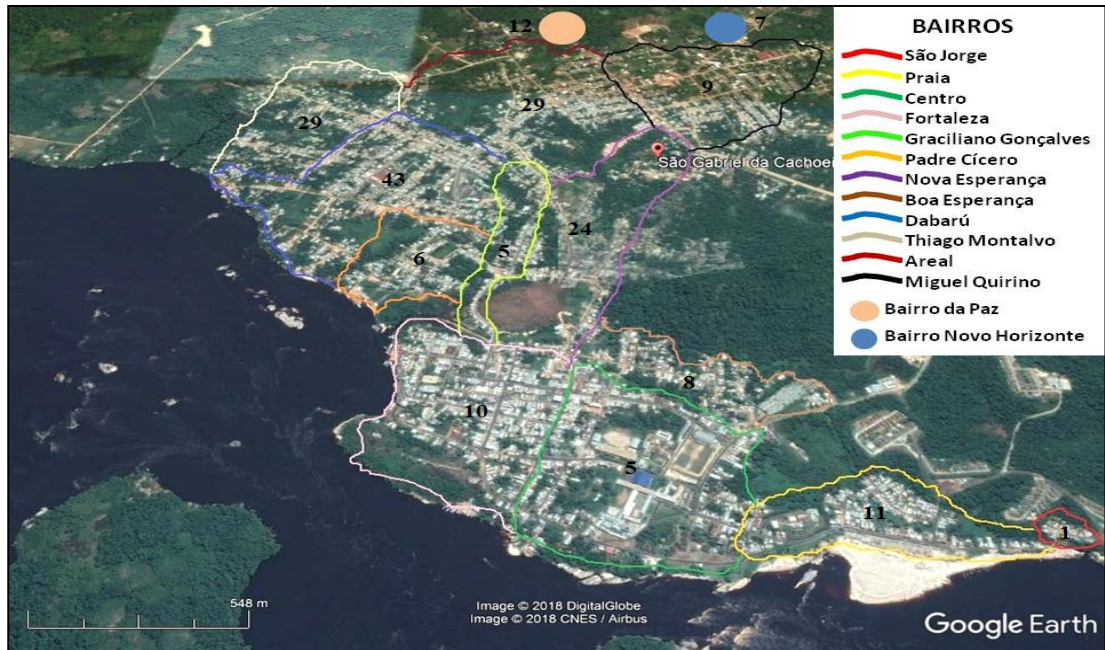
GRÁFICO 9: Pergunta 6 do questionário de pesquisa



Fonte: Questionário de pesquisa

Os 7 pais ou responsáveis que não especificaram o nome do bairro, foi porque os mesmos não têm residência na cidade ou no entorno da cidade e raramente vêm para a cidade de São Gabriel da Cachoeira. Temos também 14 pais ou responsáveis (GRÁFICO 9/coluna lilás) que especificaram a sua localidade, são os pais ou responsáveis que vivem certo tempo na cidade e depois retornam para sua comunidade ou sítio. Vejamos a localização geográfica dos pais ou responsáveis que residem nos bairros da cidade.

FIGURA 10: Bairros da cidade de São Gabriel da Cachoeira



Fonte: Google Earth, adaptado pelo autor a partir da pergunta 6 do questionário

A FIGURA 10 mostra que a zona urbana de São Gabriel da Cachoeira é formada por 14 bairros, sendo que 2 bairros (Bairro da Paz e Bairro Novo Horizonte) ainda não estão formalmente legalizados segundo os moradores destes dois bairros. Então observamos que a concentração dos parentes indígenas é realmente nos bairros mais recentes como: Dabarú, Areal e Thiago Montalvo. Estes dados confirmam em parte a observação de Silva (1999, p. 112):

A presença dos índios no contexto urbano é uma realidade. Os bairros periféricos [recentes] constituem-se em lugares privilegiados para onde convergem várias famílias indígenas provenientes de diversos horizontes étnicos. Discotecas, bares, bordéis, igrejas, festas comemorativas e associações políticas indígenas constituem-se por sua vez em espaços onde as relações sociais entre os índios são mantidas e os laços étnicos reforçados. Estes locais não estão sendo centrados num único ponto ou

bairro; pelo contrário estão situados em vários locais da cidade. Assim, não é possível pensar que um ou outro lugar seja de domínio exclusivo de determinado grupo étnico; é mais oportuno pensar que são pontos frequentados por grupos pertencentes a determinada região.

Pode-se confirmar esta observação de Silva (1999) verificando a FIGURA 9 desta pesquisa. E então a partir dos dados FIGURA 10, organizamos uma tabela indicando quais e quantas etnias estão presentes em cada bairro, conferir a TABELA 4.

TABELA 4: Relação das Etnias por Bairros da cidade de São Gabriel da Cachoeira - AM

A partir da TABELA 4 verificou-se que os pais ou responsáveis dos estudantes da Escola Municipal Indígena Dom Miguel Alagña concentram-se mais nos bairros Areal, Dabarú, Thiago Montalvo e Nova Esperança. Nestes bairros podemos verificar a existência de quase todas as etnias citadas na pesquisa, dando destaque as etnias Baré, Tukano e Baniwa que estão

BAIRROS	ETNIAS										TOTAL	
	Arapaso	Wanana	Kubeo	Desano	Tuyuka	Kuripaco	Tariano	Piratapuya	Baniwa	Tukano		Baré
São Jorge										1		1
Praia				1			1		2	3	3	10*
Fonte: Cruzamento dos dados do GRÁFICO 8 e a FIGURA 10 do questionário da pesquisa.												
Graciano Gonçalves										1	4	5
Padre Cícero				1				1		3	1	6
Nova Esperança		1	1	3				3	3	5	7	23*
Boa Esperança					2	1		1		3		7*
Dabarú	1	1	4	1	2	5	3	3	5	10	8	43
Thiago Montalvo						3	3	3	2	11	6	28*
Areal		1		1	2		2	3	2	7	10	28*
Miguel Quirino							3		2	2	2	9
Bairro da Paz					2				1		8	11*
Novo Horizonte						2			2		3	7
TOTAL	1	3	5	7	8	11	12	15	21	47	62	

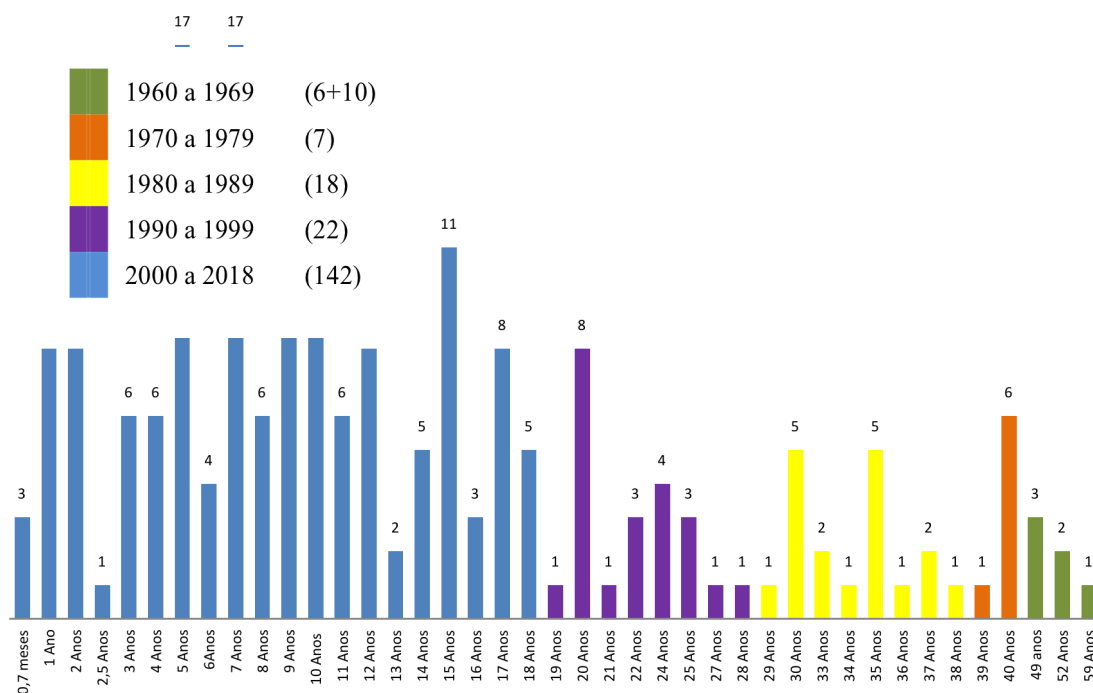
* Foi especificado o bairro, porém não especificaram a sua etnia. Neste caso faltando apenas uma pessoa de cada bairro especificar a sua etnia.

presentes praticamente em todos os bairros da cidade.

Apesar de a amostra ser mínima, mas pode-se verificar que os bairros Areal e Fortaleza tem predominância dos parentes Barés. Os bairros Dabarú e Thiago Montalvo têm em sua maioria a presença dos parentes da etnia Tukano.

O próximo aspecto analisado foi o tempo de moradia na cidade com a pergunta 10 “Há quanto tempo mora na cidade de São Gabriel da Cachoeira?”. Nesta pergunta 195 especificaram o tempo de moradia, 10 especificaram que moram há muito tempo na cidade e 15 não responderam. Os dados nos mostram que o tempo de vida na cidade, varia de 7 meses a 59 anos de vida na cidade de São Gabriel da Cachoeira. O GRÁFICO 10 demonstra estes dados.

Tempo na Cidade



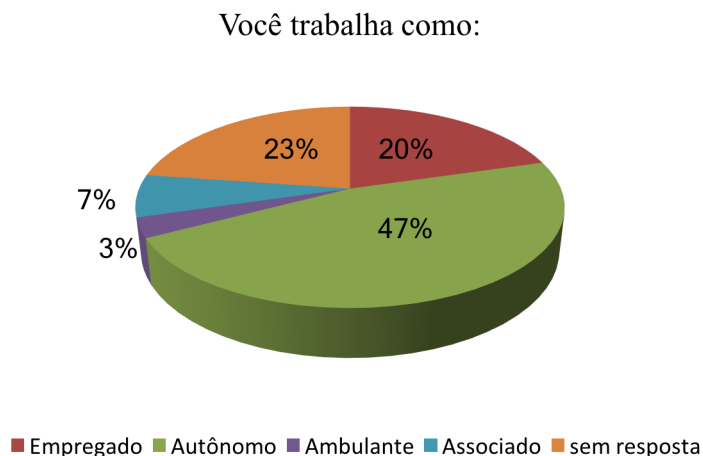
Fonte: Questionário de pesquisa

A partir do GRÁFICO 10 podemos verificar o aumento significativo dos parentes indígenas na cidade de São Gabriel da Cachoeira. Com os dados da pergunta 10 chegamos ao ano de 1960, ano em que começa a vivência (fixar moradia) dos parentes indígenas na cidade, segundo as repostas obtidas. Este ano coincide com o processo histórico de expansão da cidade de São Gabriel da Cachoeira (verificar GRÁFICO 6, capítulo 1).

A próxima questão a ser analisada foi sobre a ocupação dos parentes indígenas na zona urbana de São Gabriel da Cachoeira. Desta forma a pergunta 11 teve como alternativa as seguintes opções de ocupação: autônomo, ambulante, empregado e associado. Lembrando que quem marcou a opção associado poderá também estar inserido em outras opções.

Podemos verificar os dados no GRÁFICO 11, em que 170 pais ou responsáveis marcaram uma das opções oferecidas e 50 não marcaram nenhuma opção.

GRÁFICO 11: Dados da pergunta 11 do questionário da pesquisa

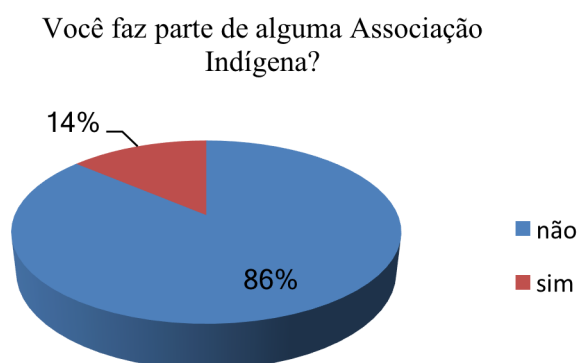


Fonte: Pergunta 11 do questionário da pesquisa

Entre os que marcaram a opção “autônomo” e “ambulante” verificamos, através de conversas informais, que existem alguns parentes indígenas que são proprietários de terrenos no entorno da cidade e que trabalham na roça/sítio. E os que não marcaram (23%), são parentes indígenas que não têm seu próprio terreno, mas trabalham de vez em quando na roça dos parentes próximos ou tomam conta de sítios. Não marcaram nenhuma opção por entenderem que nenhuma opção lhes contemplou e que isso não é “trabalho”.

Prosseguindo a análise, verificamos através da pergunta 12 “Você faz parte de alguma associação indígena”, se os parentes indígenas estão organizados em associações na zona urbana. Os referidos dados estão organizados no GRÁFICO 12.

GRÁFICO 12: Dados da pergunta 12 do questionário de pesquisa



Fonte: Questionário de pesquisa

Tivemos 211 respostas para a pergunta 12, sendo que 86% responderam que não fazem parte de nenhuma associação e apenas 14% fazem parte de alguma associação. Então percebemos que a maioria dos parentes indígenas na zona urbana ainda não estão organizados em/ou não fazem parte de alguma associação. A TABELA 5 apresenta as associações citadas pelos pais ou responsáveis dos estudantes da Escola Municipal Indígena Dom Miguel Alagña.

TABELA 5: Associações citadas a partir da pergunta 12 do questionário de pesquisa

Número de respondentes pertencentes a cada associação	
ACIRN - Associação Indígena do Rio Negro	1
AIDCC - Associação Indígena de Desenvolvimento Comunitário de Cucuí	1
AIETUM - Associação Indígena da Etnia Tuyuka*	2
APIARN - Associação dos Professores Indígenas do Alto Rio Negro*	3
ASSEPREM- Associação dos Servidores Públicos Municipais*	1
ASSAI - Associação das Artesãs Indígenas*	1
Associação dos (as) Agricultores (as) de SGC*	1
Associação dos Pescadores de SGC*	7
CAIARNX - Coordenadoria das Associações Indígenas do Alto Rio Negro e Xié	1
FOIRN - Federação da Organização Indígena do Rio Negro*	2
Grupo de Artesãs Autônomas*	1
<u>OIBI - Organização Indígena da Bacia do Içana (2017)**</u>	<u>1</u>

*Associações com sede na cidade de São Gabriel da Cachoeira

** No final do ano de 2017 instalou-se na cidade de São Gabriel da Cachoeira

Fonte: Pergunta 12 do questionário de pesquisa

A partir da TABELA 5, verificou-se que das 12 associações citadas apenas 9 estão sediadas na cidade de São Gabriel da Cachoeira. A mais nova a ter sede na cidade é a OIBI, e a mais antiga é a FOIRN, criada pelo movimento indígena desde o ano de 1987, englobando várias associações indígenas da zona rural, ou seja, das Terras Indígenas do município de São Gabriel da Cachoeira.

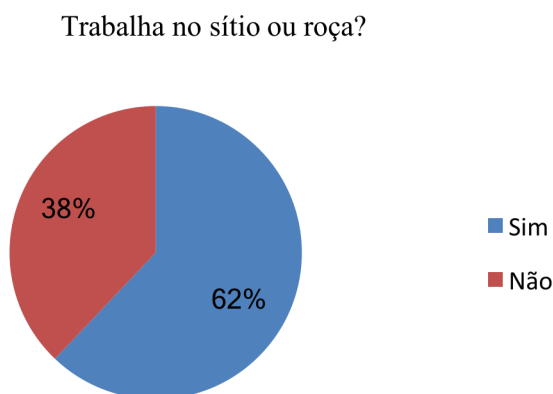
Destas associações, apenas a ASSEPREM não está direcionada à organização do movimento indígena em seus aspectos, sociais, políticos, econômicos e educacionais. Outras associações todas têm foco na organização dos parentes indígenas, apesar de pouca participação, na cidade, segundo os dados da pesquisa.

Após verificarmos que têm pais ou responsáveis dos estudantes da Escola Municipal Indígena Dom Miguel Alagña que têm terreno para trabalhar a roça e outros não têm, e se os mesmos fazem parte de alguma associação, partimos para a última pergunta da primeira parte do questionário. A pergunta 13 “Você trabalha no sítio ou na roça?”.

Na referida pergunta obtivemos 219 respostas das quais 136 afirmaram que “sim” e 83 afirmaram que não trabalham na roça/sítio. Lembrando que roça/sítio, nesta pesquisa e na

cidade, têm a mesma importância no processo produtivo dos parentes indígenas, por isso foi usado estes dois termos. Os dados da referida questão estão organizados no GRÁFICO 13.

GRÁFICO 13: Dados da pergunta 13 do questionário da pesquisa



Fonte: Questionário da pesquisa

Então no GRÁFICO 13 percebe-se que 62% dos pais trabalham na roça/sítio e 38% já não trabalham na roça/sítio, de onde podemos deduzir que a maioria dos pais ainda utiliza a roça como forma de organização produtiva na zona urbana de São Gabriel da Cachoeira.

Após a análise da última pergunta da primeira parte do questionário podemos concluir que a maioria dos pais ou responsáveis dos estudantes nasceu no município de São Gabriel da Cachoeira, na zona rural/interior e a maioria se considera indígena.

Também podemos verificar que o tempo de moradia varia dos 7 meses aos 59 anos na cidade, desta forma deduzimos que os pais ou responsáveis dos estudantes residem na cidade desde o ano de 1960, coincidindo com o processo histórico de expansão de São Gabriel da Cachoeira no período. A maioria trabalha como autônomo, poucos fazem parte de associações e a maioria trabalha em roça⁹/sítio.

A segunda parte do questionário foi direcionada aos que responderam que trabalhavam no sítio ou na roça, ou seja, os 136 pais ou responsáveis que responderam “sim” na pergunta 13 da primeira parte do questionário. Porém 17 pais que responderam “não” na pergunta 13, responderam “sim” na pergunta 1 da segunda parte do questionário e também responderam as demais perguntas.

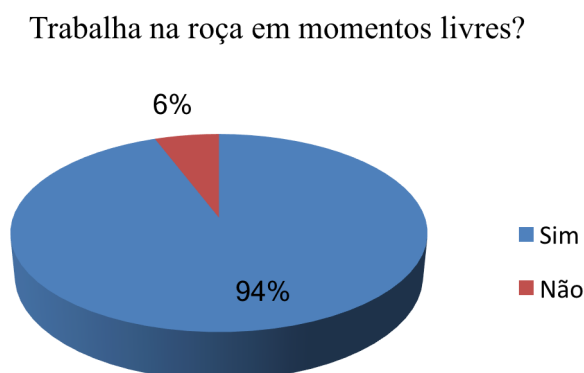
A amostra de análise dessa segunda parte do questionário é de 153 pais ou responsáveis

⁹ No ano de 2010 o IPHAN (Instituto do Patrimônio, Histórico e Artístico Nacional) patrimonializa o SAT (Sistema Agrícola Tradicional) no Rio Negro. Fator importante na manutenção e valorização do processo produtivo tradicional da roça e demais processos produtivos tradicionais.

dos estudantes da Escola Municipal Indígena Dom Miguel Alagãa. Então, da amostra inicial de 220 pais ou responsáveis passamos para 153 que equivale a 69% da amostra inicial da pesquisa.

A pergunta 1 da segunda parte do questionário foi “Além da sua profissão, você trabalha na roça em seus momentos livres?”. A pergunta nos possibilitou verificar que a maioria dos pais ou responsáveis trabalham na roça, mesmo tendo outra ocupação na cidade. Nesta pergunta 138 pessoas responderam conforme os percentuais ilustrados no GRÁFICO 14.

GRÁFICO 14: Dados da pergunta 1 do questionário da pesquisa



Fonte: Questionário da pesquisa

Do total que responderam à pergunta 1, o GRÁFICO 14 nos mostra que 94% trabalham na roça e 6% não trabalham na roça. Podemos deduzir que mesmo morando na cidade os parentes indígenas não deixam de praticar o modo de produção tradicional, com intenção de ter seus alimentos tradicionais e posteriormente vender no mercado local.

Apesar das atividades na roça sofrerem transformações no contexto urbano, ou seja, adquirir um sentido cada vez mais instrumental e econômico na cidade (ELOY; LASMAR, 2011¹⁰), essa atividade possibilita ainda um aspecto muito importante na identidade indígena na zona urbana da cidade.

Então resolvemos analisar a pergunta 3 relacionada se “a roça fica perto da cidade ou em sua comunidade”, com intenção de verificarmos se alguns parentes indígenas ainda têm vínculo com a sua comunidade. Nesta pergunta 141 pais ou responsáveis responderam à questão, dos quais 93 marcaram que a roça fica perto da cidade e 48 marcaram que a roça fica na comunidade.

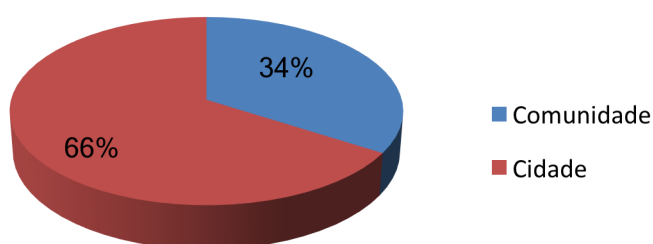
O GRÁFICO 15 demonstra estes dados, do qual deduzimos que mesmo morando na

¹⁰ As mesmas autoras relatam também em sua pesquisa as questões sobre multilocalidade e a adaptabilidade dos sistemas tradicionais de manejo dos recursos naturais no alto rio Negro.

cidade ainda temos uma considerável parcela dos parentes indígenas que têm vínculo com a sua comunidade, pois nas férias escolares ou em tempo de plantação ou colheitas retornam a sua comunidade.

GRÁFICO 15: Dados da pergunta 3 do questionário de pesquisa

A roça fica perto da cidade ou na comunidade?

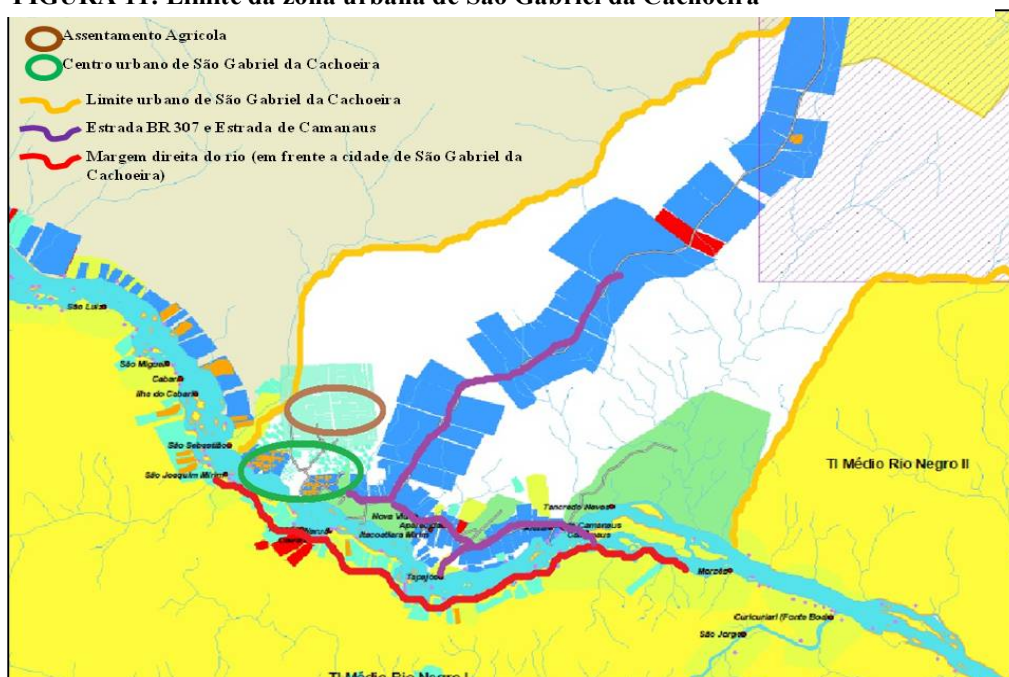


Fonte: Questionário de pesquisa

Para melhor compreensão dos termos “perto da cidade” ou “na comunidade”, pode-se dizer que as roças perto da cidade estão localizadas na região periurbana da cidade ou entorno da cidade como: margem direita do rio (em frente à cidade), assentamento agrícola e na estrada BR 307 que liga São Gabriel da Cachoeira ao distrito de Cucuí (atualmente metade da BR 307 esta intrafegável) e estrada de Camanaus.

O termo “na comunidade” pressupõe a localização de roças dentro dos limites da zona rural do município de São Gabriel da Cachoeira. Podemos visualizar estas localizações na FIGURA 11.

FIGURA 11: Limite da zona urbana de São Gabriel da Cachoeira



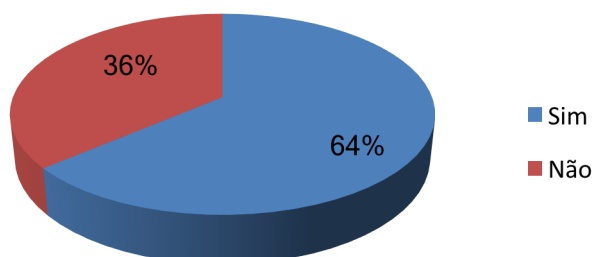
Fonte: Plano Diretor de São Gabriel da Cachoeira, 2006. Adaptado pelo autor

Após verificarmos se a roça dos parentes indígenas fica perto da cidade ou na comunidade passamos para a pergunta 4 sobre se “A roça é compartilhada com seus parentes?”, para sabermos se ainda temos o trabalho coletivo entre os parentes indígenas.

Na pergunta 4 tivemos respostas de 138 pais ou responsáveis e obtivemos as seguintes respostas: 88 responderam “sim” e 50 responderam “não”. O GRÁFICO 16 demonstra os percentuais das referidas respostas.

GRÁFICO 16: Dados da pergunta 4 do questionário de pesquisa

A roça é compartilhada com seus parentes?



Fonte: Questionário de pesquisa

Analisamos que os parentes indígenas ainda exercem o trabalho coletivo na roça, através do compartilhamento entre os parentes de mesma etnia ou não. Mesmo morando na cidade compartilham a roça, porém aos poucos devido ao limite de terrenos na cidade começam a individualizar os trabalhos. Essa mudança é em relação à posse de terreno, porém ainda há uma relação de troca de saberes quanto ao processo produtivo na roça.

Sabendo que mesmo tendo uma ocupação (profissão) na cidade, a maioria ainda trabalha na roça nos seus momentos livres, a roça fica perto da cidade e que ainda é compartilhada, ou seja, os parentes indígenas conseguem ainda cultivar o trabalho coletivo mesmo estando na zona urbana de São Gabriel da Cachoeira. Então passemos a averiguar quais as plantações cultivadas nas roças dos parentes indígenas.

A próxima questão analisada foi a pergunta número 2 que visava verificar sobre “Quais as plantações que você cultiva em sua roça?”. Nesta pergunta podemos conhecer quais as principais plantações cultivadas pelos parentes indígenas no contexto urbano. Com as respostas em mãos conseguimos organizar um quadro com os nomes dos produtos e depois organizar um gráfico com os produtos mais citados pelos pais ou responsáveis dos estudantes da Escola Municipal Indígena Dom Miguel Alagña.

Então no QUADRO 1 está organizado o nome de todas as plantações cultivadas nas roças dos parentes indígenas em contexto urbano. Segundo as respostas da pergunta 2 foram citadas 28 espécies de plantações cultivadas.

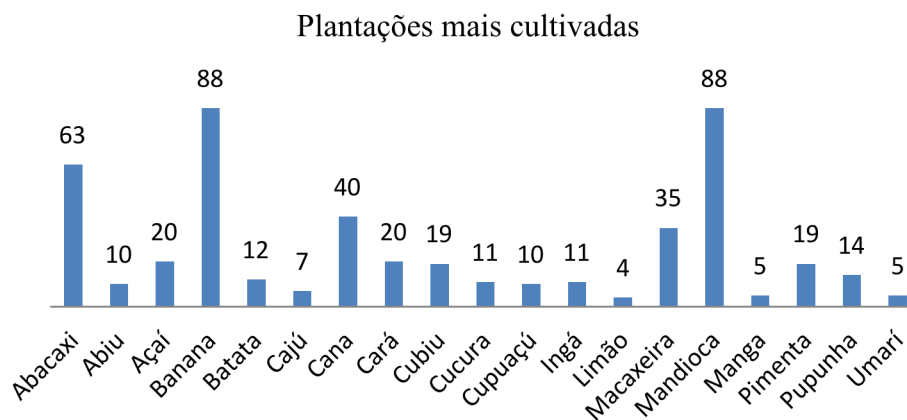
QUADRO 1: Dados da pergunta 2 do questionário da pesquisa

Plantações cultivadas pelos grupos indígenas na zona urbana/SGC			
Abacate	Biribá	Graviola	Melância
Abacaxi	Cajú	Ingá	Milho
Abiu	Cana	Limão	Pimenta
Abóbora	Cará	Macaxeira	Pupunha
Açaí	Cubiu	Mamão	Tucumã
Banana	Cucura	Mandioca	Umarí
Batata	Cupuaçú	Manga	Verduras

Fonte: Questionário da pesquisa

A partir dos dados do QUADRO 1 tivemos a oportunidade de verificar quais são as plantações mais cultivadas pelos parentes indígenas que residem na zona urbana de São Gabriel da Cachoeira. O GRÁFICO 17 nos indica quais as plantações mais citadas e conseqüentemente as mais cultivadas.

GRÁFICO 17: Complemento da pergunta 2 do questionário de pesquisa



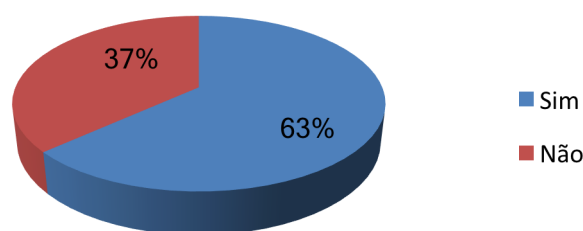
Fonte: Questionário de pesquisa

No GRÁFICO 17 constam as plantações citadas mais de 5 vezes, então verificamos que a banana e a mandioca são as mais cultivadas pelos parentes indígenas em contexto urbano. A mandioca se destaca devido a ser o produto mais importante nos cultivos da roça dos parentes indígenas, pois a partir dela se extrai vários derivados como a goma, farinha, tucupi e beiju.

Após verificarmos quais as plantações mais cultivadas na roça, prosseguimos a pesquisa, verificando a pergunta número 5 que foi sobre “Você consegue vender os seus produtos na cidade?”, com o intuito de verificar se os parentes indígenas conseguem comercializar os seus produtos na zona urbana da cidade de São Gabriel da Cachoeira. As respostas estão organizadas no GRÁFICO 18.

GRÁFICO 18: Dados da pergunta 5 do questionário de pesquisa

Consegue vender os seus produtos na cidade?



Fonte: Questionário de pesquisa

Desta forma o GRÁFICO 18 nos mostra que do total da amostra da segunda parte do questionário, 37% não conseguem vender os seus produtos na cidade e por outro lado 63% conseguem vender os seus produtos na zona urbana de São Gabriel da Cachoeira. Então os parentes indígenas têm, de certa forma, locais estratégicos para a venda de seus produtos, como por exemplo: a Feira Municipal, eventos na cidade, nos bairros ou por encomenda.

Portanto conseguimos verificar aonde os parentes indígenas vendem os seus produtos, ou seja, aonde os 63% conseguem vender os produtos na zona urbana do município de São Gabriel da Cachoeira, ou melhor, qual é o local mais frequentado para a comercialização dos produtos tradicionais.

Então no QUADRO 2 verificamos que os parentes indígenas vendem os seus produtos em várias localidades da cidade, fazendo uso do espaço de sua casa até o espaço oferecido pela PMSGC (Prefeitura Municipal de São Gabriel da Cachoeira), por isso, o destaque vai para a Feira (no caso a Feira Municipal) citada 60 vezes pelos pais ou responsáveis, ou seja, o espaço da Feira é mais frequentado para a comercialização dos produtos.

No entanto, há um aumento, no item Feira, para 71 vezes levando em consideração os que citaram que vendem na Feira e também em outra localidade da cidade. É muito interessante verificarmos que também temos parentes indígenas que trabalham por encomenda, ou seja, atendem a certo pedido de determinados clientes ou mesmo de parentes que não trabalham mais na roça, porém não se esquecem de seus produtos tradicionais de consumo.

QUADRO 2: Complemento da pergunta 5 do questionário de pesquisa

Em qual local da cidade você vende seus produtos?	
LOCAL	Quantidades citadas
Em casa	3
Feira*	60
Feira da Associação**	2
Feira e porto	2
Feira na BR 307***	1
Feira ou em casa	4
Feira ou encomenda	1
Feira ou na rua	1
Na beira do rio	1
Na rua/Centro	1
Nas ruas	1
No bairro	1
No Centro	4
Vizinhos e na rua	1

* Realizada no Prédio da Prefeitura Municipal de São Gabriel da Cachoeira.

** Feiras em eventos realizados na cidade.

*** Feira organizada pela AIETUM - Associação Indígena da Etnia Tuyuka.

Fonte: Questionário de pesquisa

Sabendo que muito dos parentes indígenas conseguem vender os seus produtos e qual é o local mais frequentado para a comercialização destes produtos, prosseguimos para pergunta 6 “Quais os produtos que você vende mais?”, ou seja qual é o produto mais comercializado no mercado da cidade de São Gabriel da Cachoeira. No QUADRO 3 observamos os produtos que são mais vendidos e foram citados na pergunta 6.

QUADRO 3: Dados da pergunta 6 do questionário de pesquisa

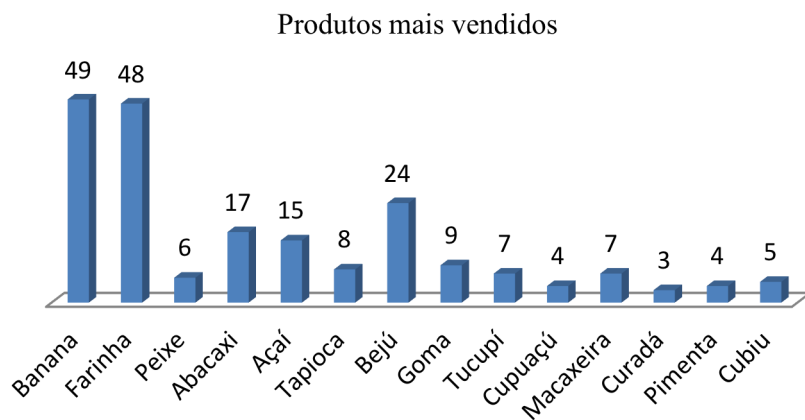
Produtos vendidos pelos grupos indígenas na zona urbana/SGC			
Banana	Bejú	Abiu	Cubiu
Farinha	Goma	Curadá	Cajú
Peixe	Tucupí	Pimenta	Tucumã
Abacaxi	Cupuaçú	Cana	Maniwara
Açaí	Macaxeira	Verduras	Cará
Tapioca	Ingá		

Fonte: Questionário de pesquisa

A partir dos dados do QUADRO 3 podemos ilustrar no GRÁFICO 19 os produtos mais

vendidos, ou seja, mais comercializados na zona urbana de São Gabriel da Cachoeira.

GRÁFICO 19: Dados da pergunta 6 do questionário de pesquisa



Fonte: Questionário de pesquisa

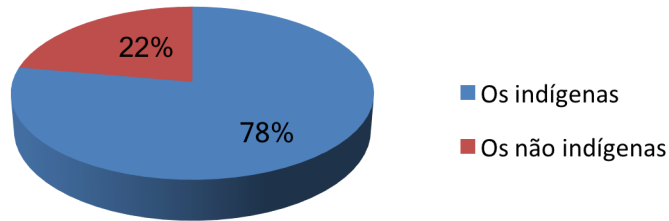
Podemos verificar que os dados do GRÁFICO 19 tem certa coincidência com os dados do GRÁFICO 17. A banana é a mais cultivada e conseqüentemente a mais vendida. De uma forma indireta a mandioca que também é uma das mais cultivadas também é a mais vendida, pois a farinha e o beiju são derivados da mandioca.

Desta forma podemos considerar que os parentes indígenas estando presentes na zona urbana de São Gabriel da Cachoeira continuam a praticar o seu processo produtivo, fazendo o uso da roça, para fins de consumo e também com foco de garantir uma renda extra necessária para o sustento da família na cidade.

Após verificarmos quais os produtos mais vendidos prosseguimos com a pergunta número 7, que foi especificamente para conhecer quem é o principal consumidor dos produtos indígenas comercializados na cidade, e chegamos aos dados apresentados no GRÁFICO 20.

GRÁFICO 20: Dados da pergunta 7 do questionário de pesquisa

Quem compra mais os seus produtos?



Fonte: Questionário de pesquisa

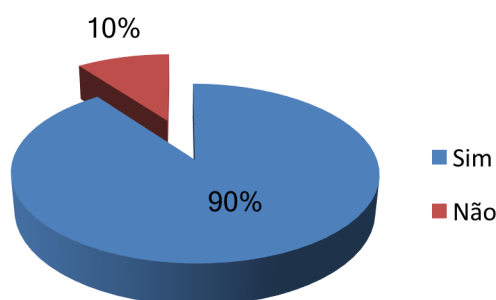
Na pergunta 7 tivemos 99 respostas divididas da seguinte forma: 22% responderam que quem compra mais os produtos indígenas são os não indígenas e 78% responderam que os parentes indígenas são os que mais compram os produtos indígenas. Então verificamos que os principais consumidores dos produtos indígenas são os próprios parentes indígenas.

O referido dado do GRÁFICO 20 justifica-se pelo fato de que os parentes indígenas que tem emprego formal e não trabalham na roça acabam comprando os produtos, e a maioria da população da cidade ser indígena colabora com estes dados. Assim podemos deduzir que os parentes indígenas não esqueceram seus hábitos alimentares tradicionais mesmo estando na zona urbana de São Gabriel da Cachoeira.

Após verificarmos os dados sobre quem é o principal consumidor dos produtos indígenas, lançamos a pergunta 9 “Você acha que os produtos tradicionais são valorizados na região [cidade]?”, para saber e confirmar a opinião dos parentes indígenas em relação a aceitação dos produtos indígenas na zona urbana de São Gabriel da Cachoeira. As respostas nos proporcionaram organizar o GRÁFICO 21.

GRÁFICO 21: Dados da pergunta 9 do questionário de pesquisa

Os produtos tradicionais são valorizados na região?



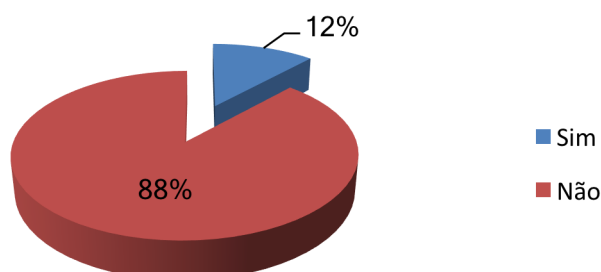
Fonte: Questionário de pesquisa

Então no GRÁFICO 21, a partir das 139 respostas obtivemos os seguintes percentuais: 10% marcaram a opção “não” e 90% marcaram a opção “sim”. Desta forma podemos concluir que os produtos indígenas são valorizados na cidade, apesar de serem os próprios parentes os principais consumidores, indicando a manutenção de hábitos alimentares indígenas típicos (o consumo do beiju, por exemplo) no contexto urbano.

Sabendo da valorização dos produtos indígenas na zona urbana de São Gabriel da Cachoeira analisamos a pergunta 10 que se refere à possibilidade de apoio na comercialização dos produtos indígenas da roça por parte da prefeitura municipal ou de outras instituições na cidade de São Gabriel da Cachoeira. Obtivemos os seguintes dados a partir das 136 respostas dos pais ou responsáveis dos estudantes, que são apresentados no GRÁFICO 22.

GRÁFICO 22: Dados da pergunta 10 do questionário de pesquisa

Recebe apoio da prefeitura ou de outras instituições para vender seus produtos da roça?



Fonte: Questionário de pesquisa

Apesar de que no QUADRO 2 apresentar a Feira como espaço de comercialização de

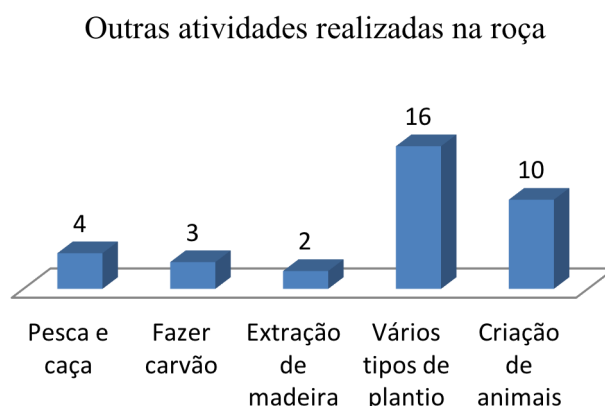
produtos dos parentes indígenas, 88% relatam não receber apoio da prefeitura municipal e de outras instituições da cidade. Outros 12% responderam sim, e destes uma parcela citaram a PMSGC (Prefeitura Municipal de São Gabriel da Cachoeira) que cede o espaço para a realização da Feira e o IDAM (Instituto de Desenvolvimento Agropecuário do Estado do Amazonas) apenas com o apoio técnico especializado.

Vale ressaltar que o espaço concedido pela PMSGC não é um espaço totalmente voltado para a comercialização dos produtos indígenas, por isso esse grande percentual de pais ou responsáveis optarem em marcar “não” na resposta da pergunta 10. Então no início de 2018 a PMSGC por intermédio da SEMPA (Secretaria Municipal de Produção e Abastecimento) começa a organizar uma feira voltada exclusivamente para os produtores indígenas, porém a feira só é realizada uma vez por mês.

Para sabermos mais sobre os trabalhos realizados pelos parentes indígenas na roça, lançamos a pergunta 8 que foi “Quais outras atividades, além do plantio, você realiza na roça?”. A pergunta teve como intenção de verificar a variedade de atividades realizadas no ambiente da roça, assim tiveram 60 pais ou responsáveis dos estudantes que responderam essa questão.

Dentre as várias respostas, uma teve destaque que foi a tarefa de roçagem ou capinação citada 22 vezes. Isso mostra a preocupação dos parentes indígenas em deixar sempre limpo o ambiente onde o mesmo trabalha não deixando a mata invadir o espaço da roça. O GRÁFICO 23 nos mostra outras atividades mais citadas, pois a roçagem ou a capinação é uma atividade corriqueira dos parentes indígenas que trabalham na roça.

GRÁFICO 23: Dados da pergunta 8 do questionário de pesquisa



Fonte: Questionário de pesquisa

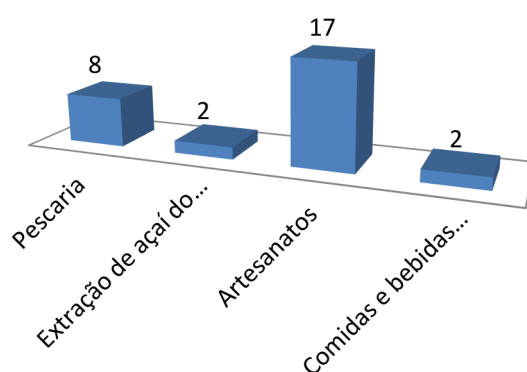
No GRÁFICO 23 verificamos as atividades que são praticadas pelos parentes indígenas. A pesca e a caça juntamente com a extração de madeira são realizadas geralmente nas roças localizadas nas comunidades, ou seja, na zona rural. No item “vários tipos de plantio”

foram citados: açaí, pimenta, milho e verduras. E no item criação de animais foram citados: peixes¹¹ e galinhas.

Após verificar quais outras atividades são realizadas na roça, analisamos a pergunta 11 sobre “Além dos produtos da roça com quais outros produtos tradicionais você trabalha e vende?”. Nesta pergunta 33 pais ou responsáveis dos estudantes responderam a essa questão, e as principais respostas estão organizadas no GRÁFICO 24.

GRÁFICO 24: Dados da pergunta 11 do questionário de pesquisa

Outros produtos tradicionais que você trabalha e vende



Fonte: Questionário de pesquisa

Desta forma podemos verificar a partir dos dados do GRÁFICO 24 que os parentes indígenas têm outras práticas tradicionais além das atividades desempenhadas na roça. A pescaria ainda é praticada de forma artesanal fazendo uso de armadilhas confeccionadas pelos próprios parentes indígenas e geralmente os locais de pesca são locais que os mesmos já conhecem há muito tempo.

Podemos relatar que os parentes indígenas ainda não esqueceram o modo de vida extrativista, pois os mesmos conhecem variedades de frutos da natureza e por isso extraem vários tipos de frutos como, por exemplo: cupuí, inajá, tucumã, bacaba, wapixuna, patawa e dentre outros. Na pesquisa foi citada a extração de açaí do mato.

Outros produtos que ganham espaço no mercado da cidade de São Gabriel da Cachoeira são as comidas e bebidas tradicionais. Podemos citar como exemplo: quinhapira, mujeca, caxiri, vinho de pupunha e demais variedades de comidas e bebidas tradicionais.

Por fim a atividade tradicional mais citada na pergunta 11 foi “artesanato”. Esta atividade tem destaque pela variedade de artesanatos produzidos pelos parentes indígenas.

¹¹ Com a escassez de peixes nas áreas próximas à cidade, alguns parentes indígenas começam a praticar a piscicultura artesanal em pequenas propriedades, porém não deixam também de praticar a caça e a pesca

Temos artesanatos de praticamente todas as etnias cada um com sua especificidade. Os artesanatos são valorizados tanto localmente como fora do país.

Então a segunda parte do questionário voltada aos pais ou responsáveis dos estudantes da Escola Municipal Indígena Dom Miguel Alagña, os 153 que responderam trabalhar na roça, foi muito importante para verificar que os parentes indígenas não esqueceram o seu modo de produção na roça e também não esqueceram os seus hábitos alimentares mesmo morando na cidade de São Gabriel da Cachoeira.

Apesar dos parentes indígenas comercializarem estes produtos, isso não os descaracteriza como ser indígena. Ainda o modo de comercialização tem em seu foco apenas a sua autossustentação na cidade de São Gabriel da Cachoeira. Mantêm-se vivas várias características indígenas na cidade como: a língua materna, as danças, os mitos, os processos produtivos na roça e no artesanato.

A pesquisa de um modo geral nos mostrou a vontade dos parentes indígenas em se manterem na cidade sem perder os seus laços tradicionais, apesar de alguns parentes indígenas terem o seu emprego formal ainda trabalham na roça em seus momentos livres. Os que não trabalham na roça compram os produtos tradicionais dos parentes indígenas que trabalham na roça.

Ainda temos parentes indígenas que compartilham a sua roça com outros parentes de mesma etnia ou não, e que entre os mesmos temos parentes que mantêm vínculo com a sua comunidade de origem. Além da atividade realizada na roça, exercem outras atividades tradicionais no contexto urbano, mostrando a sua autoidentificação, o ser indígena no contexto urbano.

A identidade indígena no contexto urbano de São Gabriel da Cachoeira não é algo novo, pois segundo o processo histórico da cidade, já tínhamos a presença de parentes indígenas desde o início da organização da cidade. O local onde se organizou a cidade era um ponto onde os parentes indígenas pernoitavam durante as suas viagens de passeio ou de comercialização dos produtos indígenas e não indígenas.

Portanto o questionário aplicado contribui bastante para compreendermos que a zona urbana da cidade de São Gabriel da Cachoeira, não deixa de ser um espaço étnico ou como diria Silva (1999) um território cultural de grande diversidade, que se estende a partir das terras indígenas. Apesar de ainda não ter, segundo a pesquisa, grande participação em associações da cidade, podemos compreender que este aspecto está começando a fazer parte da realidade dos parentes indígenas na cidade de São Gabriel da Cachoeira.

ALĪ BUĒARĒ WAHKUÃ/CONSIDERAÇÕES DA PESQUISA

A pesquisa realizada colaborou significativamente para a análise de grupos indígenas em contexto urbano, mais precisamente os parentes indígenas da cidade de São Gabriel da Cachoeira. Neste sentido traçamos a etapa intitulada *ali buëaré wahkuã*, ou seja, o pensamento deixado pela pesquisa através de algumas contribuições para a valorização e entendimento sobre parentes indígenas em contexto urbano visando à possibilidade de estudos futuros.

Neste processo de pesquisa a amostra concentrou-se nos pais ou responsáveis dos estudantes da Escola Municipal Indígena Dom Miguel Alagña. A partir do levantamento do histórico da cidade e dos dados obtidos através do questionário aplicado aos pais ou responsáveis dos estudantes, conseguimos traçar um pequeno perfil dos parentes indígenas no contexto urbano de São Gabriel da Cachoeira.

Apesar da amostra de pesquisa ser considerada pequena, os dados obtidos nos deram a possibilidade de analisar as práticas ocupacionais, produtivas e comerciais dos parentes indígenas na cidade de São Gabriel da Cachoeira. Podemos constatar que os parentes indígenas estão presentes no contexto urbano desde o início da organização do espaço que viria a ser a cidade de São Gabriel da Cachoeira.

Mesmo com o processo de urbanização da cidade, os parentes indígenas não deixaram de manter as suas ocupações e processos produtivos tradicionais. A vida na zona urbana não fez com que os parentes indígenas deixassem de praticar o seu modo de vida tradicional, ou seja, por mais que tenham contato com novas formas de vida na cidade não deixaram de vivenciar a sua ocupação e produção tradicional.

No contexto urbano, apesar de muitos parentes indígenas terem o seu emprego formal, muitos ainda têm um terreno para trabalhar a sua roça em momentos de folga. Quem não trabalha a roça se torna consumidor dos produtos comercializados pelos que trabalham na roça. Nesse contexto também verificamos que ainda temos a prática de roças compartilhadas entre os parentes indígenas.

A prática de ocupação na roça e o compartilhamento da roça com outros parentes são um dos traços de continuidade entre as práticas produtivas características das Terras Indígenas e o contexto urbano. A partir desta prática podemos considerar que se mantêm outros aspectos tradicionais como o processo de derrubada da roça, o plantio de mandioca e frutas, o vínculo com outros parentes indígenas através de conversas com línguas maternas (momento de transmissão de conhecimentos tradicionais) durante o processo produtivo e os trabalhos coletivos no momento de plantação, capinação e colheita.

Já a comercialização de produtos indígenas, que no início do processo de organização

da futura cidade de São Gabriel da Cachoeira era através de trocas (escambo) de produtos entre os parentes indígenas, agora se faz por meio do dinheiro, entre os parentes indígenas e os não indígenas. O comércio se intensificou bastante na zona urbana de São Gabriel da Cachoeira, porém ainda temos presente o processo do escambo entre os parentes indígenas de mesma etnia ou de mesma comunidade.

Apesar da questão de o comércio de produtos indígenas ser um dos aspectos que alguns não indígenas configuram descaracterizar a identidade indígena no contexto urbano, podemos dizer que este fato em si não é fator suficiente para confirmar a perda da identidade no ambiente da cidade. O comércio é uma forma dos parentes indígenas se manterem na cidade. Muitos parentes indígenas necessitam desse processo de comercialização para a sua autossustentação na cidade, estando vinculado à manutenção a modos de produção tradicional, como a roça, importante para o sentido de identidade indígena no contexto urbano de São Gabriel da Cachoeira.

Na cidade de São Gabriel da Cachoeira, a valorização dos produtos indígenas, colabora com o fortalecimento do autorreconhecimento, a autoidentificação dos parentes indígenas na zona urbana. Apesar de pouco apoio do poder municipal, as feiras são intensamente frequentadas pelos produtores indígenas.

Outra forma de comercializar os produtos indígenas é através de encomenda. Um parente indígena que não tem roça encomenda algum produto do parente que está trabalhando na roça, às vezes paga pelo produto antecipadamente ou no ato da entrega do produto. Este aspecto da encomenda é muito importante, pois demonstra que apesar do parente indígena não trabalhar mais na roça ainda mantém vivo o hábito alimentar tradicional.

Então temos dois aspectos que marcam a presença econômica de grupos indígenas (parentes) no contexto urbano: a roça (ocupação, produção) e o comércio. Estes dois aspectos estão relacionados à identidade indígena em contexto urbano, pois a roça como uma atividade tradicional não está esquecida e a comercialização dos produtos tradicionais além de ajudar financeiramente os parentes indígenas na cidade, os põem em relação com outros parentes e o visibilizam na cidade como fornecedores de produtos indígenas. Neste caso podemos dizer que o comércio dos produtos indígenas atualiza a identidade indígena no contexto urbano.

Apesar de a roça ser a ocupação tradicional dos parentes indígenas na zona urbana de São Gabriel da Cachoeira, as práticas tradicionais não se limitam ao espaço da roça, pois ainda temos parentes indígenas que praticam o extrativismo, a pesca e caça. Isso se mantém porque os parentes indígenas são conhecedores da natureza e acabam usando desse conhecimento para praticar o extrativismo e realizar a caça e a pesca no entorno da cidade de São Gabriel da

Cachoeira.

Então a partir destas atividades os parentes indígenas realizam o seu comércio, primeiramente preocupando-se com a alimentação da família e o excedente indo para o mercado da cidade. Isto é em relação aos produtos da roça, do extrativismo, da caça e da pesca, pois em relação aos artesanatos já é diferente eles são confeccionados diretamente para o comércio.

Praticamente todas as etnias vivem e convivem no ambiente urbano de São Gabriel da Cachoeira, principalmente nos bairros recentes, ainda mantém contato com sua comunidade de origem. Conseguem mesclar a vivência tradicional com o modo de vida da cidade. A zona urbana de São Gabriel da Cachoeira é praticamente formada por parentes indígenas vindos da zona rural (Terra Indígena), que vêm se aglomerando nos bairros mais recentes de São Gabriel da Cachoeira. É nesse espaço que alguns parentes indígenas através das Associações de Bairros (que não foram citadas na pesquisa) têm momentos de encontros para a realização de feiras e apresentação de danças tradicionais. O espaço da Associação de Bairro se torna um espaço da comunidade dos parentes indígenas, momento em que se encontram para relembrar da sua comunidade de origem.

Apesar da simplicidade da pesquisa, os dados alcançados podem contribuir bastante para o início de estudos aprofundados em organizar os grupos indígenas, visando esses processos de fortalecimento da identidade indígena no contexto urbano. O caminho para esse fim para por uma política pública diferenciada e direta para os parentes indígenas em contexto urbano, mas também pela auto-organização.

A organização de uma economia diferenciada seria muito importante nesse contexto, por isso conhecer os processos e o modo de produção e a manutenção de práticas tradicionais indígenas em contexto urbano foi o foco desta pesquisa. Deve-se destacar ainda que nem a política, nem a educação não devem ficar de fora desse processo de busca de autoafirmação e autoidentificação dos parentes indígenas na cidade de São Gabriel da Cachoeira.

Como já foi mencionado, os parentes indígenas estão presentes na zona urbana de São Gabriel da Cachoeira desde o início da organização da cidade, ou seja, os parentes indígenas não estão fora de seu território estão em um território que frequentavam e no qual agora estão se fixando, sem deixar as suas raízes tradicionais.

A pesquisa nos mostrou a importância das atividades produtivas para a atualização da identidade indígena no contexto urbano, apesar dos não indígenas afirmarem que quem mora na cidade não é mais indígena. Então falar a sua língua, manter a sua tradição na produção, alimentação, dança e demais traços culturais específicos contribui para a autoidentificação indígena no contexto urbano, sobretudo se temos em conta que o espaço urbano de São Gabriel

da Cachoeira é um local tradicional dos parentes indígenas, desde o início de sua origem segundo o relato de seu processo histórico. O ser indígena permanece sendo um sentimento profundo entre os parentes na cidade e não está relacionado com o modo como nos apresentamos. A vestimenta é consequência do contato com os não indígenas e algo superficial à vivência indígena nas cidades. Conseguiram nos vestir, mas não nos tiraram o orgulho de sermos indígenas em qualquer espaço territorial, somos murta e não mármore – para usar a imagem de Viveiros de Castro (2016) para referir a resiliência dos povos indígenas aos mecanismos de colonização de nossas mentes e corações.

WAMÃ TIRÍPŨ BUËINÁ/REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACOSTA, Alberto. O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos/. Tradução de Tadeo Breda.- São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016. 264p.

ALVES, Edmar César. São Gabriel da Cachoeira – Sua Saga, sua História. – Goiânia: 2ª edição. Kellps, 2015.

AZEVEDO, M. M. Urbanização e migração na cidade de São Gabriel da Cachoeira, Amazonas, 2006. Disponível em http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_842.pdf. Acesso em 20 Set 2017.

BARROS, Lilian Cristiana da Silva; SANTOS, Antônio Maria de Souza. Fronteiras étnicas nos repertórios musicais das “festas de santo” em São Gabriel da Cachoeira (alto rio Negro, AM). Bol. Mus. Pará. Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém, v. 2, n. 1, p. 23-53, jan-abr. 2007.

CPI-SP (Comissão Pró-Índio-São Paulo). Vídeo: Índios na cidade, 2013. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=M0mrQZ5lqB4>comissaoproindio. Acesso em 14 Out 2017.

CUNHA, Manuela Carneiro da. Etnicidade: da cultura residual, mas irreduzível. In: Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade. São Paulo: Brasiliense, v. 2, 1987, pp. 97-119.

DE CASTRO, Eduardo Viveiros. Povos indígenas. Os involuntários da Pátria. In: SANSON, Cesar. IHU (Instituto Humanitas Unisinos), 2016. Disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/554056-povos-indigenas-os-involuntarios-da-patria>. Acesso em 10 Dez 2017.

ELOY, Ludivine; LASMAR, Cristiane. Urbanização e transformação dos sistemas indígenas de manejo de recursos naturais: o caso do alto rio Negro (Brasil). Acta Amazonica, vol. 41(1) 2011: 91 – 102.

FOIRN/Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro; FUNAI/ Fundação Nacional do Índio-CR/Rio Negro; ISA/Instituto Socioambiental. Governança e Bem Viver Indígena: Planos de Gestão Territorial e Ambiental das Terras Indígenas do Alto e Médio Rio Negro. 1º Volume. Julho, 2016.

_____. Governança e Bem Viver Indígena: Planos de Gestão Territorial e Ambiental das Terras Indígenas do Alto e Médio Rio Negro. 2º Volume. Novembro, 2016.

_____. Governança e Bem Viver Indígena: Planos de Gestão Territorial e Ambiental das Terras Indígenas do Alto e Médio Rio Negro. 3º Volume. Outubro, 2017.

FOIRN/Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro; ISA/Instituto Socioambiental. Povos Indígenas do Alto e Médio Rio Negro. Uma introdução à diversidade cultural e ambiental do noroeste da Amazônia brasileira. SEF, Ministério da Educação, Brasília, DF, 2000.

FUNAI/Fundação Nacional do Índio. Documento Base. 1ª Conferência Nacional de Política

Indigenista. Comissão Nacional de Política Indigenista – CNPI, Brasília, jun. 2015. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/arquivos/conteúdos/ascom/2015/imag/>. Acesso em 20 fev. 2017.

HECK, Hegen. Índio sou aonde estou (Artigo). Secretariado Nacional do CIMI (Conselho Indigenista Missionário)/ Vídeo: Guilherme Cavalli, assessoria de comunicação – CIMI, 2017. Disponível em: <https://www.cimi.org.br/2017/06/39658/12/06/2017>. Acesso em 20 Nov. 2017.

ISA/Instituto Socioambiental; FOIRN/Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro. Pesquisa Perfil de São Gabriel. Levantamento Socioeconômico, Demográfico e Sanitário da cidade de São Gabriel da Cachoeira (AM). Setembro, 2005.

LASMAR, Cristiane. De volta ao lago de leite: gênero e transformação no Alto Rio Negro. – São Paulo: Editora UNESP: ISA; Rio de Janeiro: NUTI, 2005.

LUCIANO, Gersem dos Santos. O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje./Economia indígena, Cap. 6, p.188. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

NUNES, Eduardo Soares. Aldeias urbanas ou cidades indígenas? Reflexões sobre índios e cidades. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p. 9-30, jan./jun. 2010.

OLIVEIRA, João Pacheco de. Uma etnologia dos "índios misturados"? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais. In: A viagem da volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena. Contra Capa Livraria, 1999, pp. 13-38.

OPÇÃO BRASIL (Org.). Apostila: Curso de Formação técnica sobre indigenismo no contexto urbano e a prática do Programa Índios na Cidade. Espaço Karioka – São Caetano do Sul – SP, 2018 (20 a 22 de Abril).

SANTOS, Antônio Maria de Souza. Etnia e urbanização no Alto Rio Negro: São Gabriel da Cachoeira, AM. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1984.

SANTOS, José Ribamar dos. Rio Negro – aspectos históricos, geográficos e políticos. – Manaus: Editora Valer, 2013.

SCHRÖDER, Peter. Economia Indígena: Situação atual e problemas relacionados a projetos indígenas de comercialização na Amazônia Legal. – Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2003.

SILVA, Alcionilio Bruzzi Alves da (Padre-SDB). A Civilização Indígena do Uaupés. Observações Antropológicas, Etnográficas e Sociológicas. 2ª Edição. Centro Studi di Storia Delle Missioni Salesiane. Libreria Ateneo Salesiano (LAS), Roma, 1977.

SILVA, Raimundo Nonato Pereira da. De aldeados a urbanizados: aspectos da identidade étnica indígena na cidade de Manaus. Rua, Campinas, 5: 109-119, 1999.

SOUZA, Cássio Noronha Inglez de. Projetos indígenas focados em atividades econômicas: Panorama geral da experiência do PDPI. In: LIMA, Antônio Carlos de Souza; ALMEIDA, Fábio Vaz Ribeiro de; WENTZEL, Sondra (Orgs.). Povos indígenas: projetos e

desenvolvimento. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2007.

SOUZA, Fabrício Filizola de. Índios citadinos: a constituição de uma comunidade multiétnica no bairro Tarumã, Manaus – AM. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura da Amazônia. Universidade Federal do Amazonas - UFAM, 2017.

VALLE, Cláudia Magalhães do; SILVA, Janari Rui Negreiros da. Educação Ambiental e Desenvolvimento Sustentável. Manaus. IF – AM / BK Editora, 2009.

VERDUM, Ricardo. Terras, territórios e livre determinação territorial indígena. In: SAUER, Sérgio; ALMEIDA, Wellington (Orgs.). Terras e territórios na Amazônia: demandas, desafios e perspectivas. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2011. p. 205-209.

TARTUCE, T.J.A. Métodos de pesquisa. Fortaleza: UNICE – Ensino Superior, 2006. Apostila.



Prezados senhores pais ou responsáveis dos (as) estudantes da Escola Municipal Indígena Dom Miguel Alagña,

Gostaríamos de contar com sua colaboração para pesquisa sobre as *(Mari mahsia, Mari da'raa, Mari dua'a)* Atividades Econômicas dos Grupos Indígenas na Zona Urbana de São Gabriel da Cachoeira (AM) realizada pelo Professor Flávio Pereira Ferraz, Escola Municipal Indígena Dom Miguel Alagña. Sua colaboração se dará na forma de resposta desse questionário sobre as características e atividades do chefe ou responsável da família.

Queremos informar que o caráter ético desta pesquisa assegura o anonimato na divulgação dos dados e dos resultados da pesquisa, de modo a preservar a identidade dos participantes.

Agradecemos sua colaboração na realização desta pesquisa científica que culminará na publicação da dissertação de mestrado do Professor Flávio Pereira Ferraz, a ser defendida até junho de 2018. Em caso de dúvidas, você pode procurar o pesquisador pelo telefone (97) 98100-7861 ou junto à orientadora desse trabalho, Professora Carolina Lopes Araujo pelo telefone: (61) 98170-7111 ou, ainda, pelo e-mail: carolinalopesaraujo@yahoo.com.br.

Questionário

1. Nome do pai ou responsável: _____
2. Nome do seu filho (a): _____ Série: _____
3. Quantos filhos (as) estudam na Escola Municipal Indígena Dom Miguel Alagña? _____
4. Você nasceu no município de São Gabriel da Cachoeira? () Sim () Não
5. Em qual localidade do município você nasceu? () zona urbana/cidade () zona rural/interior
6. Qual é o nome do seu Bairro? _____
7. Qual é o Endereço? _____
8. Você se considera indígena? () Sim () Não Se sim, qual etnia? _____
9. Qual o seu distrito ou cidade de origem? _____
10. Há quanto tempo mora na cidade de São Gabriel da Cachoeira? _____
11. Você trabalha como: () autônomo () ambulante () empregado () associado
12. Você faz parte de alguma associação indígena? () Sim () Não
Se Sim, qual a associação? _____
13. Você trabalha no sítio ou roça? () Sim () Não

Perguntas para aqueles que trabalham no sítio ou roça

1. Além da sua profissão, você trabalha na roça em seus momentos livres? () Sim () Não
2. Quais as plantações que você cultiva em sua roça? _____
3. A sua roça fica perto da: () cidade () ou em sua comunidade.
4. A roça é compartilhada com seus parentes? () Sim () Não
5. Você consegue vender os seus produtos na cidade? () Sim () Não
Se sim, em qual local da cidade você vende? _____
6. Quais os produtos que você vende mais? _____
7. Quais pessoas compram mais os seus produtos? () os indígenas () os não indígenas
8. Quais outras atividades, além do plantio, você realiza na roça? _____
9. Você acha que os produtos tradicionais são valorizados na região? () Sim () Não
10. Você recebe apoio da prefeitura ou de outras instituições para vender seus produtos da roça?
() Sim () Não Se sim, como é esse apoio? _____
11. Além dos produtos da roça com quais outros produtos tradicionais você trabalha e vende? _____